FACULDADE DO BAIXO PARNAÍBA
CURSO DE LETRAS

BRUNO ALMEIDA SILVA
KÊNNYA OLIVEIRA FONTELES
PATRICIA GARRETO LIMA SANTOS

PICHAÇÃO *VERSUS* GRAFITE: inovação no ensino de Língua Portuguesa

Chapadinha
2018

BRUNO ALMEIDA SILVA
KÊNNYA OLIVEIRA FONTELES
PATRICIA GARRETO LIMA SANTOS

PICHAÇÃO *VERSUS* GRAFITE: inovação no ensino de Língua Portuguesa

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Letras da Faculdade do Baixo Parnaíba (FAP) para obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

Orientadora: Profª. Ms. Katiane Alyne de Souza Ribeiro da Silva.

Co-orientador: Profº Ms. Antonio Ailton Penha Ribeiro.

Chapadinha
2018

Silva, Bruno Almeida

Pichação versus Grafite: inovação no ensino de Língua Portuguesa./ Bruno Almeida Silva; Kênnya Oliveira Fonteles; Patricia Garreto Lima Santos. - Chapadinha, 2018.

57f.

Monografia (Graduação em Letras) – Curso de Letras – Faculdade do Baixo Parnaíba, 2018.

1. Estudo 2. PCN's 3. Texto 4. Imagens e Códigos 5. Linguagem.
I. Fonteles, Kênnya Oliveira II. Santos, Patricia Garreto Lima ; III. Título.

CDU: 80

BRUNO ALMEIDA SILVA
KÊNNYA OLIVEIRA FONTELES
PATRICIA GARRETO LIMA SANTOS

PICHAÇÃO *VERSUS* GRAFITE: inovação no ensino de Língua Portuguesa

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Letras da Faculdade do Baixo Parnaíba (FAP) para obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

Aprovada em: _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

_____

Profª. Ms. Katiane Alyne de Souza Ribeiro da Silva (Orientadora)
Mestre em Desenvolvimento Humano
Especialista em Língua Portuguesa e Literatura
Graduada em Letras – Língua Portuguesa e Língua Inglesa
Faculdade do Baixo Parnaíba

_____

Profº. Ms. Antonio Ailton Penha Ribeiro (Co-orientador)
Mestre em História Social
Graduado em História
Faculdade do Baixo Parnaíba

_____

1° Examinador

_____

2° Examinador

Aos nossos pais, familiares e amigos.

AGRADECIMENTOS

A Deus por tudo o que tem realizado em nossas vidas, por nos possibilitar concluir o curso de Letras, apesar de todos os obstáculos encontrados ao logo de todo o percurso. Sabemos Senhor, que todas as dificuldades que surgiram nos ajudaram a crescer como pessoa e profissionalmente.

Às nossas famílias, por haverem nos incentivado nas horas de desânimo, pela paciência e dedicação á nós dispensadas sempre que foi necessário, por compreender-nos, quando não era possível participar do convívio familiar, contribuindo assim para chegarmos até aqui.

À nossa orientadora e co-orientador pela orientação do conhecimento.

À Faculdade do Baixo Parnaíba, por ter proporcionado nossa formação em Letras, tornando-nos aptos ao exercício docente.

Aos nossos colegas de curso que, direta ou indiretamente, fortaleceram-nos e dividiram conosco momentos inesquecíveis.

“A arte existe para que a realidade não nos destrua”.

Nietzsche.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo discutir sobre Pichação *Versus* Grafite: inovação no ensino de Língua Portuguesa. Inicialmente, faz uma abordagem sobre a origem e história da pichação e do grafite, destacando o seu surgimento, expressões e as nomenclaturas utilizada pelos grupos, enfatizando através dos protestos suas imposições e insatisfações. Em seguida, refletir sobre a relação estética e linguística entre pichação e grafite, buscando compreender a linguagem visual das artes de ruas, relacionando as diferenças e semelhanças existentes na linguagem dos pichadores e grafiteiros. Logo após inicia-se uma discussão sobre o contexto atual do ensino da Língua Portuguesa, enfatizando a maneira equivocada com que a escola encara a disciplina, buscando nos PCN's exemplos a serem ensinados. Discorre também sobre os estudos da pichação e grafite a partir dos PCN's, fazendo relação das obras expostas nos muros das cidades com o ensino da Língua Portuguesa, trabalhando a transversalidade da linguagem, participação social, atividade discursiva e a textualidade como unidade de ensino. O trabalho direciona-se para a seguinte conclusão: o português estudado nas escolas necessita de diferentes aprendizagens, condicionando o aluno a se adaptar ao mundo, promovendo discursos didáticos esboçados pelos professores. Ainda há, muito a ser discutindo sobre o estudo da pichação e do grafite voltado a Língua Portuguesa em sala de aula e esperamos, com nossa pesquisa, ter contribuído para isso.

Palavras-chave: Estudo. PCN's. Texto. Imagens e Códigos. Linguagem.

ABSTRACT

This work aims to discuss Graffiti *Versus* Graphite: innovation in the teaching of Portuguese Language. Initially, it approaches the origin and history of graffiti and graffiti, highlighting its emergence, expressions and the nomenclatures used by the groups, emphasizing through their protests their impositions and dissatisfactions. Then, reflect on the aesthetic and linguistic relationship between graffiti and graffiti, seeking to understand the visual language of the street arts, relating the differences and similarities existing in the language of graffiti artists. Soon after, a discussion about the current context of the teaching of the Portuguese Language begins, emphasizing the mistaken way in which the school faces the discipline, searching in the PCN's examples to be taught. It also deals with the study of graffiti and graffiti from the PCN's, relating the works exhibited on the city walls with the teaching of the Portuguese Language, working on the transversality of language, social participation, discursive activity and textuality as a teaching unit. The work is directed to the following conclusion: the Portuguese studied in the schools needs different learning, conditioning the student to adapt to the world, promoting didactic discourses sketched by the teachers. There is still much to be discussed about the study of graffiti and Portuguese-language graffiti in the classroom and we hope, with our research, to have contributed to this.

Keywords: Study. PCN's. Text. Images and Codes. Language.

LISTA DE ILUSTRAÇÃES

Gráfico 01	-	O Brasil no Pisa: leitura. Evolução do desempenho dos estudantes brasileiros de 15 anos na prova da OCDE	32
Gráfico 02	-	Pisa – nível básico. Porcentagem de estudantes brasileiros que estão abaixo do nível básico de proficiência nas três áreas avaliadas	33
Figura 01	-	Pichação contra o governo de Dória em São Paulo	44
Figura 02	-	Grafite assinado pelo artista Bonga enfeita a estação de trem da CPTM de Pirituba	44
Figura 03	-	Ditadura Militar no Brasil entre (1964 – 1985).....	51
Figura 04	-	Protesto contra o governo de o atual Presidente Michel Temer.....	51

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Relação da quantidade anual de edições publicadas – especificas sob a temática Pichação *Versus* Grafite: inovação no ensino de Língua Portuguesa – Portal Periódicos CAPES entre 2014 – 2016 15

Quadro 2 - Relação da quantidade anual de edições publicadas – especificas sob a temática Pichação *Versus* Grafite: inovação no ensino de Língua Portuguesa – Portal Periódicos CAPES entre 2014 – 2017..... 18

Quadro 3 - Relação da quantidade anual de edições publicadas – especificas sob a temática Pichação *Versus* Grafite: inovação no ensino de Língua Portuguesa – Portal Periódicos CAPES entre 2014 – 2017..... 19

Quadro 4 - Relação da quantidade anual de edições publicadas – especificas sob a temática Pichação *Versus* Grafite: inovação no ensino de Língua Portuguesa – Base da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) entre os 2012 – 2017..... 19

Quadro 5 - Relação da quantidade anual de edições publicadas – especificas sob a temática Pichação Versus Grafite: inovação no ensino de Língua Portuguesa – Base da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) entre os 2014 – 2017..... 20

Quadro 6 - Relação da quantidade anual de edições publicadas – especificas sob a temática Pichação *Versus* Grafite: inovação no ensino de Língua Portuguesa – Base da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) entre os 2014 – 2017..... 21

Quadro 7 - Relação da quantidade anual de edições publicadas – especificas sob a temática Pichação *Versus* Grafite: inovação no Ensino de Língua Portuguesa – Google Acadêmico entre os 2008 – 2015..... 22

Quadro 8 - : Relação da quantidade anual de edições publicadas – especificas sob a temática Pichação *Versus* Grafite: inovação no Ensino de Língua Portuguesa – Google Acadêmico entre os 2008 – 2015..... 22

Quadro 9 - Relação da quantidade anual de edições publicadas – especificas sob a temática Pichação *Versus* Grafite: inovação no Ensino de Língua Portuguesa – Google Acadêmico entre os 2008 – 2015..... 23

LISTA DE SIGLAS

BDTD	-	Base da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
IES		Instituição de Ensino Superior
INEP	-	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
ONU	-	Organização das Nações Unidas
PCN'S	-	Parâmetros Curriculares Nacionais
PISA	-	Programa Internacional de Avaliação de Alunos
UNESCO	-	United Nation Educational, Scientific and Cultural Organization (Organização para a Educação, a Ciência e a Cultura das Nações Unidas)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 12

2 ESTADO DA ARTE 14

2.1 Pesquisas relacionadas ao assunto 14

2.1.1 Periódicos da CAPES 15

2.1.2 Base da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) 19

2.1.3 Bancos de dados do Google Acadêmico 21

3 CONTEXTO HISTÓRICO DA PICHAÇÃO E DO GRAFITE 24

3.1 Relação estética e linguística entre pichação e grafite 27

4 O CONTEXTO ATUAL DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL 31

5 O ESTUDO SOBRE PICHAÇÃO E GRAFITE A PARTIR DOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCN'S) 35

5.1 Os objetivos gerais do Ensino de Língua Portuguesa 35

5.2 Linguagem e participação social 38

5.3 Linguagem, atividade discursiva e textualidade 39

5.4 Diversidade de texto 43

5.5 O texto como unidade de ensino 46

5.6 A linguagem dos Pichadores e Grafiteiros como forma de aprendizagem de acordo com PCN's 50

6 CONCLUSÃO 53

REFERÊNCIAS 55

1 INTRODUÇÃO

A pichação e o grafite, concebido nessa pesquisa busca trabalhar a Língua Portuguesa de forma inovadora, como ferramenta de leitura e compreensão. Analisando os códigos e as ilustrações produzidas por pichadores e grafiteiros percebe-se temas e mensagens que visam a sensibilidade de um povo à procura de significados, e a comunidade escolar através de investigações pode revelar essa preocupação social.

Dessa forma, a pichação e o grafite são elementos que impulsionam o contexto e as diversidades construídas. No desenrolar das produções das artes será realizado a compreensão por seus códigos particulares

A investigação tem por objetivo analisar a linguagem visual decorrente dos pichadores e grafiteiros como instrumento de estudo para a Língua Portuguesa. A leitura do espaço é fundamental, reflete a sociedade, história e a diversidade. Aprende-se o significado e o significante quando se visualiza o elemento e o contexto histórico, outras funções importantes das manifestações é a complementação da comunicação entre professor e aluno como recurso didático.

É importante destacar que o tema supracitado é uma pesquisa pioneira na IES que visa estudar de forma didática a transversalidade dos conteúdos inseridos nas comunidades, como expressão cultural popular conquistada por meio do grafite e da pichação.

Atualmente ainda se discute sobre a poluição visual realizada pelos pichadores e grafiteiros, sujeitam-se uma apreciação quanto a indagação socioambientais, refletindo sobre o eixo Cidadania.

Dessa forma, cabe às escolas mostrarem a origem e o histórico do grafite e da pichação como uma obra de arte diferenciada, desvinculando a sua imagem do contexto de marginalidade. Os artistas procuram demostrar através do seu trabalho o cotidiano das ruas, retratando as constantes mudanças do país. As imagens, sejam manifestações individualistas, românticas, coletivas ou revolucionárias, integram a paisagem, falam a partir da subjetividade, da expressão livre, porque assim serão notadas, longe das mãos do sistema. O que motivou os pesquisadores para realização deste trabalho foi a procura de um ensino inovador de Língua Portuguesa na sala de aula, e a pichação e o grafite são assuntos que chamam a atenção dos alunos. A comunicação ocorre por meio de códigos e imagens, assim, por que não fazer essa relação? Já que o ensino é algo que está em constante transformação?!

A importância do tema “GRAFITE *VERSUS* PICHAÇÃO: uma inovação no ensino de Língua Portuguesa” não tem finalidade apenas de desmistificar que a pichação é

vandalismo e o grafite é a arte, mas buscar esclarecer que ambas são formas de expressão e que a através da Língua Portuguesa é possível identificar e a perceber como são essas formas de artes.

O presente trabalho foi elaborado a partir de uma pesquisa bibliográfica, fundamenta em autores que também discutem a temática aqui apresentada, tais como: Alexandrino; Magalhães e Ávila (2017), Azevedo (2017), Bakhtin (1981), Barbosa (2017), Brasil (1997), Furtado e Zanella (2009), Gerhardt (2017), Hall (1997), Lazzarin (2007), Mesquita (2015), Moreira (1982), Munhoz (2003), Oliveira (2017), Orlandi (2007), entre outros, cuja leitura também muito importante para o desenvolvimento do tema proposto.

O trabalho foi estruturado em seis capítulos, onde o primeiro apresenta a introdução, o segundo o estado da arte, o seguinte contempla o contexto histórico da pichação e do grafite e a relação estética e linguística. O contexto atual do ensino de Língua Portuguesa no Brasil vem exposto em forma do quarto capítulo em que relata como anda o ensino da disciplina nas escolas. O estudo sobre a pichação e grafite a partir dos PCN’s preenche os requisitos do quinto capítulo, que demonstra os objetivos gerais da Língua Portuguesa, a linguagem e participação social, atividade discursiva, textualidade e diversidade de textos.

As considerações finais compõem o último capítulo em que se apresentam as conclusões obtidas nas pesquisas bibliográficas. Esses resultados demonstram uma visão mais clara sobre a pichação e o grafite como conteúdo didático da Língua Portuguesa, fazendo uso dos temas transversais utilizando as diferentes linguagens como meio de comunicação e analisando de forma crítica as abordagens.

2 ESTADO DA ARTE

O Estado da Arte vem discutir, ampliar a base teórica, através de artigos, livros, teses ou publicações acadêmicas, tendo como ponto de partida auxiliar na argumentação e fundamentação do trabalho para que possa ter um acompanhamento teórico que seja relevante para melhor compreensão do objeto de estudo da pesquisa.

Portanto, esse estudo está relacionado diretamente com composições de teses acadêmicas, que visa compreender e proporcionar um estudo mais abrangente e formando o desenvolvimento de novas opiniões, esse método auxilia na ampliação do conhecimento do pesquisador considerando a diversidade existente de publicações acadêmicas. O Estado da Arte surge então, com o intuito de gerar conhecimentos e solucionar problemas que possam aparecer no decorrer da pesquisa.

Esse tipo de trabalho científico é produzido com intenção de melhorar o desenvolvimento social dos sujeitos, assim introduzir a importância que o mesmo possui para o docente e contribui para a formação reflexiva, crítica do indivíduo. Possuir um olhar interdisciplinar faz-se necessário para refletir sobre o desempenho que o discente acarreta nesse processo, é uma parte que faz referência sobre o assunto pesquisado.

Esse trabalho acadêmico evita que o discente perca tempo com investigações desnecessárias e auxilia no desenvolvimento de conceitos e argumentos críticos e reflexivos. Nesse trabalho é imprescindível que se copie informações somente por autores sem colocar devidamente a referência, deve estar ciente que necessita refletir sobre o assunto abordado e que aja relação com as citações dos autores utilizados.

2.1 Pesquisas relacionadas ao assunto

Na pesquisa sobre Pichação *Versus* Grafite: inovação no ensino de Língua Portuguesa, destacou-se um estudo profundo a partir de livros, artigos, teses, ou seja, um estudo bibliográfico das produções de autores, tanto pesquisados na internet quanto na base de dados da Biblioteca.

Essas pesquisas tratam sobre temáticas que possam ser relacionadas ao ensino de Língua Portuguesa e a pichação e o grafite como forma de aprendizagem que são: pichação e grafite como linguagem e leitura visual, Língua Portuguesa e sua diversidade de textos para interpretação de obras de artes.

A busca por temas que possam ser introduzidos no dia a dia na comunidade faz-se

necessário para apresentar soluções que contribuam para a formação de cada indivíduo. Quando se trata de pichação e grafite, automaticamente, há uma rejeição em se tratando de uma “arte” marginalizada para algumas pessoas, essa “arte” que costumeiramente se vê em muros pela cidade.

2.1.1 Periódicos da CAPES

O Portal Periódico CAPES é um portal onde são encontradas informações de trabalhos científicos. Esse portal disponibiliza serviços para os alunos, professores, pesquisadores e funcionários de mais de 191 instituições de Ensino Superior, onde se pode ter acesso à pesquisas em todo país, um acervo de trabalhos que podem ajudar na formação do indivíduo, além de terem produções de teses, dissertações, monografias atualizadas mundialmente. No portal é possível encontrar artigos de várias revistas nacionais e internacionais, 126 bases de dados com documentos em todas as áreas do conhecimento, e gratuitamente encontra listas de informações acadêmicas. O acesso é livre aos conteúdos para os usuários das instituições participantes, para poder acessar deve ser realizado terminais ligados à rede de internet localizados nas próprias instituições.

O portal CAPES deve ser utilizado no seu computador doméstico, para poder acessar, uma Metodista disponibiliza instruções para a configuração dos navegadores de Internet como: Internet Explorer, Mozila Firefox e Safari.

No banco de dados PERÍODICOS CAPES, buscou-se artigos de acordo com o tema proposto do trabalho Pichação *Versus* Grafite: inovação no ensino de Língua Portuguesa, primeiramente com o tema o ensino de Língua Portuguesa, foram encontrados 1.342 artigos, sendo que 4 (quatro) apresentavam-se títulos que tinham ligação ao tema.

Quadro 1: Relação da quantidade anual de edições publicadas – especificas sob a temática Pichação *Versus* Grafite: inovação no ensino de Língua Portuguesa – Portal Periódicos CAPES entre 2014 – 2016.

ANOS DAS PUBLICAÇÕES MONOGRAFICAS	Quantidade de publicações no Repositório
2014	01
2015	02
2016	01
TOTAL	**04**

Fonte: Portal Periódicos CAPES – 2018.

Nos trabalhos pesquisados, o que mais se destacou foi *O Ensino de Língua Portuguesa no Brasil: Concepções de texto, Concepções de escrita* (2015) de Elisete Maria de Carvalho Mesquita, discute a compreensão de texto e da escrita como forma de participação social, retrata que a linguagem é um fator que consiste na capacidade intelectual do indivíduo fazendo parte essencial das atividades que elevam o nível de letramento dos que usufruem da língua. Portanto, a linguagem faz-se necessária, nesse ponto de vista trazer para a sala de aula a linguagem visual dos pichadores e grafiteiros seria uma maneira de motivar o uso da linguagem como atividade social.

> As práticas de linguagem são atividades muito valorizadas na sociedade atual, o que é decorrente, em grande parte, da capacidade dessas atividades de revelarem o nível de letramento dos usuários de uma língua, no sentido de que quanto mais o indivíduo faz uso de atividades de leitura e de escrita, mas letrado ele é. (MESQUITA, 2017).

A busca por atividades diferenciadas faz-se necessário para a aprendizagem, e usar o contexto social dos alunos é uma forma de estimular o conhecimento que está sendo adquirido, a leitura e a escrita fazem parte na formação do aluno letrado para que sejam ativos e conquistem a capacidade de desenvolver um pensamento crítico e reflexivo para qualquer situação.

No artigo *O Ensino de Língua Portuguesa: Teoria e Prática* (2016) de Jailma do Ramo Barbosa a mesma discute sobre a importância da linguagem na construção social e intelectual dos seres humanos, uma construção do sujeito como forma de edificação para relacionar algo que pareça ser meramente ilustrativo trazendo uma importância significativa para aquelas imagens, pressupondo da ideia de Barbosa as pichações e grafites espalhadas pelas ruas da cidade são uma forma de linguagem, essa que pode ser relacionada com o ensino de Língua Portuguesa como uma forma de compreensão de textos.

No artigo ainda é criticado a forma de como alguns profissionais da educação transmitem o conhecimento, muitos ainda procuram conteúdos que sejam relacionados com a gramática pura, sem ao menos apresentar outras formas de linguagens existentes na língua portuguesa.

> O ensino de língua portuguesa por muito tempo foi marcado pela tradição de conteúdos sistemáticos, ou seja, tudo nas aulas era motivo para o ensino de gramática, muitas vezes até a leitura de poema servia para a análise gramatical, exercícios mecânicos nos quais os alunos apenas copiavam do texto as respostas. (BARBOSA, 2017)

Nesse contexto, a Língua Portuguesa pode ser trabalhada com diferentes temas, esses que podem estar diretamente ligados ao cotidiano dos estudantes, deve-se procurar métodos e conteúdos que possam utilizar não só a gramática pura, mas identificar a linguística

que também faz parte da língua. A relação entre o ensino de Língua Portuguesa e a pichação e grafite não é só uma forma de conscientização de que o sujeito pichador ou grafiteiro é um vândalo, mas seria uma proposta de inovação no ensino da linguagem. Deste modo, no artigo *O conhecimento metalinguístico, os enquadramentos da construção dos significados nos textos e o ensino de língua portuguesa (2015) de Ana Flávia Lopes Magela Gerhardt*, a língua é retratada como a parte integrante de uma comunicação social saudável, traz a necessidade de observar a quantidade linguística relacionando às condições contextuais e sociais na produção da linguagem.

A linguagem e o contexto social têm estreita relação com o domínio da língua portuguesa, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso às informações, se expressa e defende seu ponto de vista, partilha ou constroi visões de mundo, produz conhecimento. O artigo *Textos Multimodais e Letramento: trabalho com os textos imagéticos em livros didáticos de língua portuguesa* (2014) de Michely Mara Caetano Werneck da Silva Salles, a autora reproduz como os textos multimodais ajudam na formação do aluno como sujeito letrado, esses textos estão presentes nas mais variadas formas da atividade humana. Gráficos, propagandas, tiras, charges são formas de o aluno assimilar de forma mais clara o assunto, quando a autora propôs investir em uma inovação no contexto da sala de aula, o tema proposto tem sua relevância no caráter de apresentar as imagens dos grafiteiros e as pichações que muitas vezes, aparecem como forma de protesto nas ruas da cidade, trazendo essas informações para o espaço de aula, já que é algo que rotineiramente se vê em prédios e muros da cidade.

> A grande quantidade de imagens a que o sujeito está exposto, nos dias atuais, sobretudo nas práticas escritas, coloca em destaque a linguagem visual, além de trazer mudanças no discurso produzido e veiculado. Isso significa que não apenas a modalidade escrita vem sendo utilizada nas diferentes mídias, mas também a modalidade visual. (SALLES, 2017).

Os textos multimodais estão presentes nas mais variadas formas no cotidiano dos alunos, seja em uma atividade no livro didático em formato de charge ou quadrinho como também nas ruas, em propagandas, banners e até mesmo nas paredes pichadas, informações que circulam por todas as partes, essas que podem ser utilizadas dentro da sala de aula como um instrumento de ensino.

Ainda relacionado ao tema, foram pesquisados artigos sobre pichação e grafite no banco de dados PERIÓDICOS CAPES, encontrados apenas 9 (artigos) artigos, sendo que apenas 1 (um) estava relacionado ao título do tema proposto.

Quadro 2: Relação da quantidade anual de edições publicadas – especificas sob a temática Pichação *Versus* Grafite: inovação no ensino de Língua Portuguesa – Portal Periódicos CAPES entre 2014 – 2017.

ANOS DAS PUBLICAÇÕES MONOGRAFICAS	Quantidade de Publicações no Repositório
2014	01
TOTAL	**01**

Fonte: Portal Periódicos CAPES - 2018.

O artigo que está relacionado a pichação e grafite escrito por Mariani Santos Baasch (2014) com o tema *O grafite e a pichação: o que dizem os muros da escola?*, discute como a pichação e o grafite está presente no ambiente escolar. Ao entrar nas escolas é comum se deparar com imagens ou palavras que formam a decoração do espaço escolar, decoração essa feita pelos próprios alunos, muitas vezes, encontram-se os seus nomes espalhados nas paredes. O estudo deste trabalho, adentra em como a pichação e o grafite estão associados no cotidiano das pessoas, mesmo que de forma quase imperceptível, e o professor pode desfrutar e fazer a relação desses desenhos ou palavras com a Língua Portuguesa. “Os muros dentro e fora da escola, contornam suas relações, penetram as práticas curriculares, geram situações onde a tensão e o equilíbrio convivem, organizam, contestam, transgridem aquilo que a escola é e o que ela se torna a cada dia.” (BAASCH, 2017).

A escola é um produto de imagens que acarreta significação, portanto imagens e códigos que os alunos fazem nas paredes podem se transformar em prática educativa, levando para o contexto do professor de Língua Portuguesa, esses códigos e imagens podem ser decifrados na aula através da interpretação textual da linguagem escrita dos (códigos) e da linguagem visual (as imagens).

Na Plataforma do Capes – Portal Periódicos CAPES, não foi encontrado nenhum artigo relacionado ao tema Pichação Versus Grafite: inovação no ensino de língua portuguesa, somente foram encontradas pesquisas relacionadas primeiramente, ao tema do ensino de língua portuguesa e a pichação e grafite.

Quadro 3: Relação da quantidade anual de edições publicadas – especificas sob a temática Pichação *Versus* Grafite: inovação no ensino de Língua Portuguesa – Portal Periódicos CAPES entre 2014 – 2017.

ANOS DAS PUBLICAÇÕES MONOGRAFICAS	Quantidade de Publicações no Repositório
Nenhuma	0
TOTAL	**0**

Fonte: Portal Periódicos CAPES - 2018.

A conclusão da pesquisa apontou que o ensino de Língua Portuguesa está caminhando para as inovações e que fazer a contextualização com o cotidiano dos alunos ajuda no crescimento da criticidade dos mesmos, mas a falta de artigos relacionados ao tema central mostra como a educação deve alavancar ainda mais seus conceitos de aprendizagem e conhecimento.

2.1.2 Base da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD)

A (BDTD) – Base da Biblioteca Digital Nacional de Teses e Dissertações, tem como objetivo unificar, em um portal de sistema de informação, dissertações e teses existentes no país e disponibiliza um catálogo nacional de teses e dissertações em texto integral para os seus usuários, possibilita um acesso amplo a esses documentos.

Na Base da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), foram procuradas dissertações relacionada ao tema da pesquisa, primeiro buscou-se trabalhos sobre o ensino de Língua Portuguesa, foram encontradas 4.341 dissertações, mas que realmente tinha alguma relação com o tema proposto foram apenas 2 (dois).

Quadro 4: Relação da quantidade anual de edições publicadas – especificas sob a temática Pichação *Versus* Grafite: inovação no ensino de Língua Portuguesa – Base da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) entre os 2012 – 2017.

ANOS DAS PUBLICAÇÕES MONOGRAFICAS	Quantidade de Publicações no Repositório
2012	02
TOTAL	**02**

Fonte: Base da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) – 2018

Uma dissertação com o título: *Ensino de Língua Portuguesa: da formação do professor à sala de aula* (2012) da autora Josilete Alves Moreira de Azevedo. Ela relata a

importância da formação do professor de Língua Portuguesa como agente que transmite conhecimento. Também exemplifica a participação de assuntos que façam o aluno se interessar em aprender e buscar o conhecimento.

> No que se refere a sistemática de ensino de Língua Materna, pesquisas na área da linguagem revelam que, apesar da grande preocupação dos investigadores e de significativos avanços das teorias linguísticas, as práticas pedagógicas insistem no repasse de conteúdos gramaticais de forma fragmentada de descontextualizada, enfatizando-se um ensino burocratizante dos atos de ler, escrever e falar, que aposta numa concepção de linguagem enquanto sistema e de um ensino meramente prescritivo e metalinguístico. (AZEVEDO, 2012, p. 16).

Quanto ao ensino ainda percebe-se a necessidade da contextualização dentro da sala de aula, como uma forma de estimular o aluno a procurar informação, ainda existe profissionais que preferem dar somente a gramática ao invés de relacionar o contexto social ao assunto estudado, a leitura está além de saber o que está escrito, a mesma procura identificar o ponto principal do texto, quando Azevedo enfatiza que se deve relacionar os conteúdos é, portanto, identificar ou procurar temas relevantes para serem estudados na aula, com isso a linguagem dos pichadores e grafiteiros, um como linguagem de códigos e o outro desenhos ou desenhos de palavras, vem para chamar atenção do aluno, não só porque é algo que rotineiramente veem, mas identificar que aquele grupo possui uma forma de expressão.

Na dissertação da autora Mary Elizabeth Cerutti-*Rizzatti Ensino de Língua Portuguesa e inquietações teórico-metodológicas: os gêneros Discursivos na aula de Português e a aula* (de português) como gênero discursivo (2012), trata de como o ensino de Língua Portuguesa se manifesta dentro da sala de aula. Essas manifestações de conhecimento acontecem com as práticas do professor juntamente com a vontade do aluno de aprender.

A procura sobre tema pichação e grafite na Base da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), resultou em 20 (vinte) dissertações, mas somente 2 (duas) e 1 (uma) tese foram relacionadas ao tema.

Quadro 5: Relação da quantidade anual de edições publicadas – especificas sob a temática Pichação Versus Grafite: inovação no ensino de Língua Portuguesa – Base da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) entre os 2014 – 2017.

ANOS DAS PUBLICAÇÕES MONOGRAFICAS	Quantidade de Publicações no Repositório
2015	02
TOTAL	**02**

Fonte: Base da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) – 2018.

A tese encontrada foi *O dualismo grafite vs pichação: a arte grafite, tagging, pichação e pixo* (2015) de Marcos Antônio Cruz de Araújo, onde o autor discorre sobre a

diferença do grafite e da pichação como elementos que carregam uma significação. Destaca como há uma marginalização por partes das pessoas com os pichadores e como os grafiteiros são vistos como a arte de rua, em um de seus comentários ele analisa que os dois são artes, precedem do mesmo sentido, só que uma está restritamente ligada a marginalidade e a outra como uma arte que pode ser apreciada. Discute também, que o grafite no país é considerado uma arte admirável parecida com as dos designer e pintores já a pichação é descartada, dita como algo ilegal, considerada um crime, um ato de vandalismo.

Na dissertação *O grafite como narrativas pós-modernas* (2015) de Leonardo Perdigão Leite e Pedro Jorge Lo Duca Vasconcellos, discute-se como os grafiteiros constroem laços de sociabilidade com a sociedade pós-moderna. Nessa sociedade moderna o grafite serviria como uma ferramenta de aprendizagem, mostra também a mudança com a qual o grafite passou, se desvinculou no Brasil da pichação, ou seja, não está mais associada ao vandalismo, mas agregou-se como uma arte que vislumbra os olhares dos indivíduos.

A procura por dissertações ou teses relacionadas diretamente com o conteúdo não foram encontradas nenhuma dissertação sobre Pichação *Versus* Grafite: inovação no ensino de Língua Portuguesa, as pesquisas encontradas ou está relacionada ao ensino de Língua Portuguesa ou somente a pichação e grafite.

Quadro 6: Relação da quantidade anual de edições publicadas – especificas sob a temática Pichação *Versus* Grafite: inovação no ensino de Língua Portuguesa – Base da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) entre os 2014 – 2017.

ANOS DAS PUBLICAÇÕES MONOGRAFICAS	Quantidade de Publicações no Repositório
Nenhuma	0
TOTAL	**0**

Fonte: Base da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) – 2018.

2.1.3 Bancos de dados do Google Acadêmico

O Google Acadêmico é uma ferramenta para busca de pesquisas em artigo revisada por especialistas, teses, livros, resumos e artigos acadêmicos. O Google Acadêmico reúne diversas fontes em um mesmo lugar, portanto é um provedor que facilita na busca de trabalhos.

No Google Acadêmico aparecem várias pesquisas relacionadas aos temas de sua preferência. Quando foram procurados pesquisas relacionadas ao ensino de Língua

Portuguesa apareceram muitos artigos, mas nenhum estava coerente com o que se procurava.

Quadro 7: Relação da quantidade anual de edições publicadas – especificas sob a temática Pichação *Versus* Grafite: inovação no Ensino de Língua Portuguesa – Google Acadêmico entre os 2008 – 2015.

ANOS DAS PUBLICAÇÕES MONOGRAFICAS	Quantidade de Publicações no Repositório
Nenhuma	0
TOTAL	**0**

Fonte: Google Acadêmico – 2018.

A pesquisa sobre pichação e grafite, aparecerem alguns artigos que se aproximavam do contexto da pesquisa, de 4 (quatro) artigos, somente 2 (dois) discutia sobre a importância deles.

Quadro 08: Relação da quantidade anual de edições publicadas – especificas sob a temática Pichação *Versus* Grafite: inovação no Ensino de Língua Portuguesa – Google Acadêmico entre os 2008 – 2015.

ANOS DAS PUBLICAÇÕES MONOGRAFICAS	Quantidade de Publicações no Repositório
2010	01
TOTAL	**01**

Fonte: Google Acadêmico – 2018.

O artigo *A Possibilidade de um "não - possível": o grafite em uma perspectiva didática*, Renata Carvalho da Silva e Mari Noeli Kiehl Iapechino (2010), relata que o grafite assim como a pichação de forma educativa pode contribuir para diminuir as desigualdade sociais, no alcance em que o sujeito aprendiz, por meio do grafite, poderá se propagar e afirmar sua identidade, tendo ascensão aos discursos públicos que, muitas vezes, são ignorados por não serem discursos das elites simbólicas e sim críticas sociais que se ocupam com os interesses do povo. Também discute sobre os professores que seguem o método tradicionalista, acrescentam os mesmos sentem a necessidade de mudar sua metodologia por perceberem que o sistema não cobra mais apenas a parte gramatical da norma culta, é a de vencer seus próprios conceitos e práticas pedagógicas conservadoras e superar o medo de inovar em seu ensino.

> Ao analisar as mensagens dos grafites, considerados os objetivos dos PCN's, notamos que as possibilidades didáticas ultrapassam as perspectivas dos grafiteiros em potencial educativo e expressivo, uma vez que, somando os saberes dos grafiteiros aos saberes docentes, podem-se proporcionar inúmeras discussões em sala de aula. A contribuição desses grafiteiros, em troca dos saberes como a comunidade escolar, para o ensino, seria, possivelmente, pautada numa pedagogia libertária. (SILVA; IAPECHINO, 2017).

O grafite além de transformar as ruas das cidades transformaria o modo de ensinar com seus saberes, de forma educativa o grafite e a pichação dispõem através de sua linguagem verbal e não verbal a leitura e interpretação de mensagens espalhadas pelas ruas e pela própria escola, o aluno poderá analisar e criticar os discursos das diversas escritas urbanas, com embasamento nos contextos históricos, percebendo os potenciais discursivos, sócio histórico e cultural-artístico.

E a pesquisa sobre Pichação *Versus* Grafite: inovação no ensino de Língua Portuguesa, não aparecerem artigos relacionados ao tema.

Quadro 9: Relação da quantidade anual de edições publicadas – especificas sob a temática Pichação *Versus* Grafite: inovação no Ensino de Língua Portuguesa – Google Acadêmico entre os 2008 – 2015.

ANOS DAS PUBLICAÇÕES MONOGRAFICAS	Quantidade de Publicações no Repositório
Nenhuma	0
TOTAL	**0**

Fonte: Google Acadêmico – 2018.

No desenvolvimento desta pesquisa, os objetivos centrais foram: compreender como a linguagem dos pichadores e grafiteiros contribui para a formação do sujeito letrado como forma de participação social e desmembrando os conceitos de marginalização que a sociedade impõe, inovar no ensino de Língua Portuguesa como forma de inter-relação com a realidade vivenciada dos alunos.

3 CONTEXTO HISTÓRICO DA PICHAÇÃO E DO GRAFITE

A origem da pichação existe na humanidade desde os tempos da Antiguidade, quando os homens pintavam as paredes para demonstrar o seu cotidiano. Com o tempo essas pinturas passaram a ser utilizadas como forma de expressão para difundir ideias, xingamentos e reclamações. Na Idade Média os padres pichavam muros de mosteiros ou de ordens consideradas rivais (SOUZA, 2007a). Em Nova York a pichação surgiu na década de 1960 como ponto de partida eles utilizam as *tags*[1] *(*do inglês etiqueta; marca), como uma forma de buscar visibilidade, e eram chamados de os *writers*[2], assim começaram a pichar os metrôs.

> Cada pixador cria sua tag (do inglês: etiqueta; marca), que são assinaturas nascidas de seus apelidos de rua. Estes fazem parte da iniciação nas gangues de pixação e são a forma como o indivíduo deseja ser conhecido entre seus pares. Ao lado das assinaturas devem estar as iniciais de sua gangue: Grafiteiros do Distrito Federal (GDF), Legião Unida pela Arte (LUA), Grafiteiros Sem Lei (GSL), etc. Assim, munido de spray e adrenalina, ele passa a assinar a cidade. (SOARES, 2013, p.12, grifo da autora).

Segundo a perspectiva o espaço em branco convertido em pixo assimila práticas e significados diferentes para cada leitor, a pichação pode ser vista como uma forma de promover essa transformação estética e também de múltiplos significados. Por meio das *Tags* a criação dos códigos converte as paredes, fachadas e metrôs em uma ferramenta comunicativa e espaço de leitura, demarcando as mensagens em setores públicos privilegiando a circulação das informações.

No Brasil a pichação originou-se em 1960, primeiramente como forma de protesto contra a ditadura militar e os principais responsáveis por esse movimento eram os estudantes (jovens), assim começaram a pichar os muros da cidade colocando suas imposições direcionadas contra o regime.

A origem do grafite deu-se a partir de reivindicações no muro de Paris em maio de 1968, esse ano ficou marcado pelas revoltas estudantis, os muros se tornaram o principal veículo de comunicação ou expressão do sentimento de revolta por aqueles que não eram ouvidos perante a sociedade, pelo governo ou pelas mídias. Portanto, esse movimento percorreu pelo mundo e se constituiu.

No documentário Style Wars (1983), sobre o grafite em Nova York, exibe que a maioria dos jovens pintava letras, não por acaso eram os writers, escritores, autores de figuras

---

[1] Tags: do inglês: significa marca, etiqueta. Que são assinaturas nascidas de seus apelidos de rua. (SOARES, 2013, p. 12)

[2] Writers: termo utilizado para denominar os responsáveis pelos grafites. (ALEXANDRINO, Beatriz; MAGALHÃES, Mateus; ÁVILA, Janayna, 2017).

e tipologias em inscrição colorida ou não, algumas iguais ao que se chama atualmente de pichação. Que faziam era chamado de grafite, evoluindo com técnicas de desenhos, mas como a história se transforma com o tempo, na transição entre décadas de 1970 e 1980 grafite em Nova York era tão malvisto quanto pichar no Brasil hoje em dia.

O grafite foi introduzido no final da década de 1970 no Brasil, está ligado diretamente a vários movimentos, em especial ao Hip Hop. Considera-se grafite uma inscrição caligrafada ou desenho pintado ou gravado em lugares em que normalmente não é previsto, atualmente o grafite já é considerado como forma de expressão incluída no âmbito das artes visuais, os artistas aproveitam os espaços públicos para criação de uma linguagem internacional para interferir na cidade.

Desde o início os artistas eram chamados de *Writererse* (autores, escritores), costumavam escrever os seus próprios nomes ou chamar atenção para problemas do governo ou questões sociais da realidade em que viviam. Os grafites eram feitos na maioria em trens e muros das cidades porque o verdadeiro interesse dos grafiteiros era passar aquela mensagem para o maior número de pessoas. Alguns até criaram figuras, personagens, usados nos seus grafites, as chamadas “bonecos”.

A pichação e o grafite estão presentes nas mais variadas formas no cotidiano das pessoas mesmo que de forma quase nula. Ao andar pelas ruas observa-se a presença em muros, prédios de imagens ou códigos que podem ser caracterizados a partir da visão. A pichação é definida muitas vezes como forma de vandalismo se tratando de pichar os muros com códigos quase indecifráveis, e muitas vezes causam repulsa a muitas pessoas, pois o preconceito advindo dessa arte ainda é muito expressado, muitas vezes os associando como gangues de ruas. De acordo com Wainer e Medeiros (2005, p. 98) “Toda arte que se preze tem de incomodar, causar no espectador algum tipo de reação á qual ele não está acostumado. A pichação é um bom exemplo de como cumprir bem este papel”.

Em termos sociais a pichação é uma manifestação e serve como recorte para entender o contexto social do país, além de ser uma forma de expressão, carrega uma alta dose ideológica, buscando o despertar das emoções, das ideias e da reflexão.

A aceitação da pichação ou não, advém da capacidade da pessoa de caracterizá-lo como forma de arte ou não, pois a mesma vem para direcionar os olhares a um fato ou um lugar que está banalizado, contudo, fazendo com que o mesmo se reinvente.

A pichação por ser um movimento que demonstra insatisfação contra determinados pontos de vista não é demonstrada como forma de expressão artística, a mesma é considerada transgressiva, visualmente agressiva. Sua definição é caracterizada como “o ato

de escrever ou rabiscar sobre muros, fachadas de edifícios, asfaltos de ruas ou monumentos, usando tinta em spray aerossol, dificilmente removível, estêncil ou mesmo rolo de tinta". De certa forma a pichação são escritas como protesto, assinaturas pessoais ou usada como forma de demarcar um território entre grupos, ou até mesmo gangues rivais.

> As gangues também utilizam uma forma de inscrição para demarcar território, com seus códigos e símbolos característicos. Paralelamente ao surgimento do grafite, na década de 60, surgem também as pichações – que vão desde a manifestação política, passando pela competição entre aqueles que conseguem atingir os locais de acesso mais difícil (como o alto de edifícios) – até o simples ato de vandalismo em prédios públicos e monumentos. Nessas atividades transgressivas, o uso do spray torna a técnica fácil e rápida, muito adequada para facilitar a fuga dos flagrantes da vigilância e da polícia. (LAZZARIN, 2007, p. 59 grifo do autor).

Portanto, a pichação serve como forma de visibilidade e protesto ou até mesmo marcar territórios para que outras gangues saibam da existência de pichadores na região.

Para que ocorresse a comunicação dos integrantes das gangues, os mesmos escreviam letras quase indecifráveis e construíam desenhos ilegíveis nos muros dos guetos (bairros negros) como se fosse um código secreto. Alguns especialistas dizem que esses códigos evoluíram e se tornaram a arte do grafite mundialmente.

> Cada quadra é um território a ser conquistado e defendido por esses grupos e, aos poucos, a tinta preta ou colorida se mimetiza com a paisagem urbana, sendo, por vezes, impossível dissociá-los. No campo simbólico nota-se uma densa troca ligada à oposição entre a busca de fama e o anonimato que se deve preservar devido à ilegalidade da atividade. (SOARES, 2013, p. 12).

A prática de pichar os muros das cidades se tornou uma forma de expressão, tanto pela busca de fama, para a prática de protestos ou para demarcar um território conquistado pelos pichadores. Em se tratando do uso de pichar, há uma peculiaridade quanto a sua linguagem, enquanto para a gramática pichar é escrito com "ch" para os pichadores eles as escrevem com "x". Já na língua portuguesa não se escrever "pixar" com x e sim "pichar" com ch, que é o ato de rabiscar ou escrever sobre fachadas, muros, edifícios ou em monumentos, para os pichadores, eles já escrevem "pixar" com x, essa é uma das formas de chamar a atenção do público para a sua "arte", em busca de visibilidade de fama, também é uma forma transgressão e rebeldia revolucionária.

Afirmam também que pixação com "x" é uma forma de comunicação alternativa e a linguagem é centralizada na contestação. O pixo tornou-se uma forma rápida e certeira para se comunicar mesmo que o mesmo seja considerado uma forma violenta. A rebeldia por contestação não só ultrapassa o limite da mensagem como altera o nível da sintaxe, exemplo disso é transcrição da palavra pichação/ pixação, trocando o "ch" pelo "x", está evidente que é uma forma de rebeldia e da negação de seguir as normas padrões da gramática de língua

portuguesa.

Os jovens com intuito de afrontar ainda mais, natural de grupos excluídos dos sistemas dominantes – especialmente aqueles que escrevem na cidade seu alfabeto totalmente criado e recriado constantemente por eles e grafado nas paredes de muros e prédios de difícil acesso, adotaram a grafia da palavra pichação com x, confrontando não a cidade com o seu alfabeto vernáculo, mas também a gramática oficial da língua portuguesa.

> Além dos meios e dos códigos, remarcados que também seus agentes são diversos. Nem sempre só os jovens, ainda que na sua maioria, nem sempre apenas excluídos, mas também estudantes de classe média, artistas já consagrados e muitos emissores anônimos certamente perceberam os espaços da cidade como um suporte interessante para enviarem suas mensagens. (RAMOS, 2017)

As mensagens expostas pelos pichadores têm por intuito a troca de ideias, emoções, opiniões e informações do contexto atual do país o discurso acontece por meio de um processo em que, basicamente, o emissor (ou codificador) emite uma mensagem (ou sinal) ao receptor (ou decodificador) através de um canal, de preferência os que têm melhor acesso para a visibilidade da mensagem em peso. À sua maneira, o "pixo" possui todos os elementos do processo linguístico, cabe ao receptor entender a mensagem, porém sem uma regra documentada oficialmente, utilizando-se um alfabeto vernáculo desenvolvido pelos próprios pichadores e sempre em evolução.

3.1 Relação estética e linguística entre pichação e grafite

Os pichadores se relacionam com os discursos externos à prática, esta é uma das maneiras de perceber os possíveis conflitos que se estabelecem nos campos simbólicos e político, pois estes tendem a reforçar suas diferenças em relação ao grafite, bem como seu caráter de infração.

A mídia aborda uma relação que trata de comparar a pichação e o grafite, de forma que tentam denegrir a pichação por não se tratar de uma arte. Existem diferentes formas de manifestar suas inquietações. É possível identificar nos bairros da cidade um alfabeto de palavras distintas, sendo feitas de cores e stickers[3] (do inglês: adesivo). Essas manifestações possuem estéticas próprias, identificadas Janaína R. Furtado e Andéia Vieira Zanella que exemplificam as duas tendências.

[3] Stickers do inglês: adesivo. (SOARES, 2013, p. 12)

> O graffiti[4] e a pichação entram na cena urbana e ali ora se amalgamam ou se diferenciam de suas variadas manifestações, conforme os grafiteiros e/ou pichadores significam o seu fazer e a relação desse fazer com o modo como essas mesmas atividades foram se constituindo no contexto específico do Brasil (FURTADO; ZANELLA, 2009, p. 140)

Grafiteiros e pichadores pintam coisas nas paredes da cidade. A diferença é que os primeiros produzem coisas coloridas, bonitas, criativas, artísticas. Os outros produzem riscos, palavras incompreensíveis e sujeiras. Alguns estudiosos dizem que ambas as manifestações são "irmãs" e que nascem da mesma vontade de expressão pessoal. É possível que a gênese seja parecida, mas o resultado, é muito diferente. O grafite exprime um pensamento, um planejamento, a escolha das cores, do desenho, um tempo grande de execução e, principalmente, na maior parte dos casos, a concordância do dono da parede, seja ele público ou privado. E gera prazer para quem vê. A pichação é fruto da adrenalina, do proibido, da exibição a insatisfação a determinados pontos de vista.

> A discussão estética no urbano implica, fundamentalmente, em uma discussão ética em relação aos modos como os espaços da cidade podem ser utilizados e por quem. Da mesma maneira, dizer que no processo de criação na pichação não há preocupação estética com o resultado do trabalho ou com o espaço no qual a pichação é colocada, pois o espaço também não é qualquer um e sim aquele que faz sentido ao pichador e aos seus objetivos, é produzir efeitos de sentido, portanto, ideológicos, que vão de encontro com a estética-ética dominante nos contextos urbanos. (FURTADO; ZANELLA, 2009, p. 150).

Desse modo, a pichação não acontece de forma aleatória em qualquer espaço da cidade ou feita de qualquer forma, para o pichador encontrar um local que seja acessível aos olhares das pessoas é essencial para que possam visualizar os códigos pichados por eles, pois o objetivo é produzir um efeito de sentido para que possam internalizar a mensagem deixada por eles. Para o grafite há uma elaboração e clareza nas suas mensagens, o mesmo se aproxima da arte por ser uma linguagem que transmite de imediato uma informação.

> A partir dessa perspectiva, entende-se a pixação como código e estética comunicativa. Código dentro do contexto das gangues, que ao produzi-la tornam os muros espaços de escrita e leitura; estética, pois produz sentido eminente, ainda que os significados apreendidos sejam distintos para cada leitor. (SOUZA, 2007b, p. 15).

Apesar das diferentes perspectivas acerca da pichação e do grafite, entende-se que uma está relacionada esteticamente aos códigos, estes que são produzidos dentro do contexto social vivenciado por eles. Acredita-se que por ser um grupo específico de pessoas a linguagem e as ações não sejam identificadas com facilidade, apesar de que a pichação se localiza em praticamente todas as partes da cidade, mas o modo de significação são distintas

[4] Grafite tem origem no termo italiano graffito, que deriva do latim graphium. Inicialmente, designou um estilete utilizado para escrever sobre placas de cera. Posteriormente, a forma plural, graffiti, nomeou as inscrições gravadas na pré-história e na antiga Roma. Em 1965, a palavra graffiti foi utilizada para definir as pichações com spray e, nos anos 70, para indicar as modernas pinturas feitas com a mesma tinta. (SCHULTZ, 2010)

para cada pessoa.

Logo, a pichação e o grafite têm suas particularidades, que são visivelmente distintas pela sociedade, mas que não deixam de ser interpretadas como informações, pois, acarretam mensagens significativas, mesmo que uma demonstre de forma mais clara e a outra esteticamente mais difícil, contudo, o espaço de criação utilizadas são a mesma, os muros, paredes, edifícios, monumentos, viadutos da cidade.

A pichação e o grafite possuem origens parecidas, mas que se distanciam de acordo com que cada uma representa na sociedade, o grafite e a pichação têm como elementos a cidade e as tintas, as duas interferem no espaço (a cidade), portanto, constituindo cores ou elementos da escrita. Uma diferença que é notória entre as duas é que o grafite incide das artes plásticas, já a pichação advém da escrita, contundo o grafite demonstra a imagem e letras que acarreta algum sentindo para quem se depara e a pichação a letra ou palavra, mas como códigos. As *tags* (do inglês etiqueta: marca) são uma representação de manifestações de linguagem dos pichadores para os grafiteiros são muitas vezes, a imagem do cotidiano. Sendo Hall (1997, p. 25) “A representação é uma prática, um tipo de trabalho, que usa objetos materiais e efeitos, cujo significado depende, não da qualidade do material do signo, mas de sua função simbólica”. Portanto, as imagens e letras do grafite e as letras (palavras) da pichação foram através dos tempos modificados, tornando símbolos que caracterizam um sentindo próprio para cada movimento social, assim fazendo o uso da sua cultura e da linguagem escrita ou visual para atribuírem significados, para a construção dos elementos expostos para chamar atenção ou protestar.

Para muitos a exclusão desses grupos marginalizados ocorre muitas vezes, por pessoas que não observam o real valor do significado dessas manifestações artísticas, para alguns a pichação é vandalismo e o grafite é arte para outros os dois significam meramente vandalismo, pois para os mesmos as imagens ou códigos são meras sujeiras espalhadas pela cidade.

Segundo Ramos (1994, p. 41) “A priori, pichação e grafite advêm de uma mesma raiz: são, necessariamente, formas de intervenção e transgressão do espaço urbano”. Para além do ato de vandalismo, a pichação e o grafite são formas de demarcar o contexto social vivenciado, transmitir um ponto de vista político, protestar e etc. Percebe-se então de acordo com as linguagens que há diferença (mesmo que venham da mesma vertente) entre pichação e grafite.

> Grafite não é pichação. O grafite é em geral, um artista plástico que assina a obra da mesma forma como põe seu nome em uma tela. Os integrantes do Tupinão. Dá por exemplo, trabalham também com estrutura, pintura, desenho e cinema. Já o pichador costuma ser alguém sem conhecimento de artes plásticas, que usa os muros da cidade para queixar-se de dificuldades, mandar recados ou, simplesmente, escrever seu nome. (ROELS, JR. 1998, p. 11).

O grafite advém da arte, de algo ser pensado antes de ser esculpido ou pintado, há uma preparação e um conhecimento prévio do que irá ser exposto já a pichação é algo que incide em marcar um ponto da cidade tanto para mostrar as dificuldades ou para demonstrar para outros pichadores a sua "arte". Segundo Munhoz (apud, CRUZ, 2017) "O grafite se apresenta como uma intervenção humana que ocorre através das pinturas de letras e desenhos bem elaborados e coloridos. Algumas vezes são realizados legalmente decorrentes de solicitações e consentimento para sua realização".

O grafite é arte que consiste em demonstrar valores culturais ou a sociedade como um todo, para a realização da mesma o grafiteiro pode expor sua arte nos muros, postes ou fachadas de casas. Muitas vezes podem ser realizadas com consentimento de pessoas que queiram embelezar os muros de sua casa, provocando a visualidade de quem passa. Portanto, há uma valorização do grafite quando se ver como uma forma de arte, a pichação ao contrário é marginalizada é descrita por muitos como uma forma de vandalismo, caracterizando-a como uma atividade de infração do padrão estabelecido pela sociedade.

Muitas pessoas ao observarem as pichações nas ruas, já se encontram com olhares de extrema expressividade negativa, não enxergando o real valor da expressão cultural, tentar compreender é tentar se aproximar da realidade vivenciada por esse grupo tão marginalizado na sociedade é também a aproximação do que realmente possa fazer sentindo e não somente criticá-los.

A distinção entre pichação e grafite existe, principalmente no Brasil como uma forma de definir a diferença entre essas expressões. A pichação seriam expressões, muitas vezes de protesto (político) feitos ilegalmente nos muros da cidade, o grafite é denominado como uma arte de rua. A pichação e o grafite antes eram considerados crimes contra o meio ambiente, sancionada pelo ex presidente Fernando Henrique Cardoso a Lei n° 9.605, de 1998, localizado no Capítulo 5, Seção 4, Artigo 65, na lei está descrito que "pichar, grafitar ou por outro meio conspurcar edificação ou monumento urbano" é crime sob pena de detenção, de três meses a um ano, além do pagamento de multa, o que qualifica os pichadores e grafiteiros como criminosos. A lei foi modificada em 2011 acrescentando um parágrafo que afirma que não era mais crime a prática do grafite feita "com o objetivo de valorizar o patrimônio público ou privado mediante manifestação artística", desse modo se forem autorizados pelos

proprietários dos locais onde os grafiteiros realizam os seus grafites, sejam elas entidades públicas ou privadas não é considerado crime. [5]

Contudo, ao analisar todo o contexto social, político da sociedade, a pichação e o grafite vieram como prática de transcrever uma contribuição para a revolução dos meios de comunicação, esse que por meio das imagens e códigos demonstra uma parte da sociedade que é marginalizada por se tratar de pessoas menos favorecidas, essas que contribuem tanto para a formação sociocultural do meio social.

4 O CONTEXTO ATUAL DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL

O ensino de Língua Portuguesa, atualmente, segue um ensino pautado na gramática normativa, encontra-se diariamente, aulas metódicas sem relação com a vivência dos alunos. Voltando-se às origens do ensino de Língua Portuguesa no Brasil, a mesma era ensinada visando à alfabetização, que era restrito para classe alta, poucos tinham o acesso à educação.

> Vêm de longe os problemas relativos ao ensino de língua materna no Brasil. Até meados do século XVIII, esse ensino era restrito à alfabetização. Poucos educandos tinham acesso à escolarização mais prolongada. Esses, privilegiados, estudavam a gramática da língua latina, a Retórica e a Poética. (SOARES, 1986, p. 54).

Pode-se destacar que o ensino de Língua Portuguesa continuamente foi restrito para a alfabetização não se importando com as variedades linguísticas e nem com as diferentes formas que cada pessoa possui de pensar. Voltando para a atualidade, muitas objetivam que seus alunos aprendam ler e escrever, mas deixam de lado a necessidade de saber interpretar e a compreensão das variedades da língua que são essenciais para compor o conhecimento crítico do aluno, auxiliando na interpretação e produção textual.

Analisando o desempenho dos estudantes brasileiros, ver-se que estatisticamente o Brasil não anda bem em seus resultados. A ONU[6], em parceria com a UNESCO[7], em um processo de organização para avaliar a qualidade de vida dos povos, criaram índices de avaliação em Leitura, Ciências e Matemática, o Pisa[8] (Programa Internacional de Avaliação de Alunos), no Brasil a prova fica pela responsabilidade do Inep (Instituto Nacional de

[5] Lei nº 9.605/1998 Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19605.htm

[6] ONU: Organização das Nações Unidas. Dados disponíveis em: https://www.infoescola.com/geografia/organizacao-das-nacoes-unidas-onu/

[7] UNESCO: United Nation Educational, Scientific and Cultural Organization (Organização para a Educação, a Ciência e a Cultura das Nações Unidas). Dados disponíveis em: https://www.infoescola.com/geografia/unesco/

[8] PISA: Programme for International Student Assessment (Programa Internacional de Avaliação de Alunos). Dados disponíveis em: http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/33571

Estudos Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira).

No ano de 2000 o Brasil foi escolhido para ser avaliado, sem aviso prévio ao Ministério da Educação, sem preparação o Brasil se classificou em último lugar dentre os 31 países participantes. Como resposta, alegaram que o mau resultado ocorrera pelo fato de que os alunos de 15 anos avaliados eram de escola pública onde obtiveram os piores resultados e melhor ensino estava nas escolas particulares, tendo em vista que o ensino público não é adequadamente o espaço devido às dificuldades, a lista de causas referente ao mau desempenho recaiu sobre a pobreza em que vivem os alunos, a baixa remuneração dos professores e a falta de qualificação profissional.

Em 2003 houve uma melhora nos resultados em leitura, o Brasil avançou para o 37° lugar, ficando em penúltimo em Ciências e matemática, a prova acontece a cada três anos, onde foi aplicada nos anos e 2000, 2003,2006 2009, 2012 e 2015.

Segue abaixo gráfico estatístico do desempenho dos alunos no Brasil em leitura.

Gráfico 01: O Brasil no Pisa: leitura. Evolução do desempenho dos estudantes brasileiros de 15 anos na prova da OCDE



Fonte: OCDE/Pisa 2015. Disponível em: https://g1.globo.com/educacao/noticia/brasil-cai-em-ranking-mundial-de-educacao-em-ciencias-leitura-e-matematica.ghtml.

Observa-se no gráfico que houve uma melhoria nos índices em 2009, o Brasil registrou crescimento em todas as notas, mas apesar da melhora nos resultados avaliativos, o órgão lembrou que as notas médias do Brasil ainda continuam abaixas na média da OCDE. Segundo UOL Educação (2017) ‘Em 2012, o desempenho dos estudantes brasileiros em leitura piorou em relação a 2009. De acordo com dados do Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Alunos), o país somou 410 pontos em leitura, dois a menos do que a sua pontuação na última avaliação e 86 pontos abaixo da média dos países da OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico)".

Dessa forma, fica bem claro que os alunos avaliados sabem ler e escrever, no entanto são jovens considerados analfabetos funcionais, leem e escrevem, mas não conseguem entender a proposta de um texto, extrair resultados significativos para a discussão de temas importantes para convício social. Veja no gráfico a porcentagem da última avaliação do PISA.

Gráfico 02: Pisa – nível básico. Porcentagem de estudantes brasileiros que estão abaixo do nível básico de proficiência nas três áreas avaliadas.



Fonte: OCDE/Pisa 2015: Disponível em: https://g1.globo.com/educacao/noticia/brasil-cai-em-ranking-mundial-de-educacao-em-ciencias-leitura-e-matematica.ghtml

Em 2015, o desempenho em leitura caiu de 410 para 407, no Brasil, em todas as três áreas, Leitura, Ciências e Matemática, mais da metade dos estudantes ficaram abaixo do nível 2. Segundo a OECD (2015) “A média do Brasil na área de leitura também se manteve estável desde o ano 2000. Embora tenha havido uma elevação na porcentagem de 396 pontos em 2000 para 407 pontos e em 2015, esta diferença não representa uma mudança estatisticamente significativa”. Entende-se que muito ainda deve ser revisto quanto a execução dos projetos que constam nos PCN’s, nota-se que houve um avanço na qualidade de ensino, mas que muitas metodologias de ensino devem ser analisadas, não adianta o professor de Língua Portuguesa trabalhar assuntos que remetam apenas a morfologia, sintaxe, semântica e não dá subsidio para o aluno trabalhar a linguagem textualidade e discussões que acarretam conhecimentos empíricos para o seu desenvolvimento cognitivo.

As notas baixas no Pisa são resultado da maneira equivocada com que a escola encara o ensino de Língua Portuguesa: "Pesquisas apontam que o grande foco do ensino de Língua Portuguesa está na gramática, pois a maior parte dos professores dedica setenta por cento de suas aulas às normas, quando a ênfase deveria ser na leitura e na escrita" (BAGNO, apud MORELI, 2017). Grande parte das escolas no Brasil ainda enfatizam o ensino de Língua Portuguesa com regras e exceções, limitando a disciplina para o que é certo e errado, esquecendo de formar alunos leitores com proficiência, com capacidade de ler, refletir e

produzir textos sucintos. Umas das vertentes no qual os alunos acabam tomando antipatia pela disciplina é decorrente dos excessos de regras ensinadas sem contextualização do assunto envolvendo temas decorrentes do dia a dia para melhor fixação do conteúdo.

Segundo Cláudio de Moura Castro, o resultado avaliativo do Pisa é prova de que as escolas estão ensinando muitas coisas, mas não o essencial: o domínio da linguagem.

> Das mil coisas e conteúdos que a escola faz ou tenta fazer, o Pisa está nos mostrando que ela se esquece da mais essencial: dar ao aluno o domínio da linguagem. Se fosse necessário gerar um slogan para todas as escolas de todos os níveis, esse seria: só há uma prioridade na escola brasileira: ensinar a ler e entender o que está escrito. (MORELI, 2017).

É perfeitamente notável que o resultado das avaliações é decorrente de um ensino que não completa com afinco a leitura, o entender além daquilo que está no papel para assimilação de significados. Dessa forma, a competência linguística limita-se às normas padrões, dificultando aptidão discursiva e a produção de textos com relevância informativa.

Portanto, ensinar Língua Portuguesa não é apenas abrir livros e aprender regras, enfatizando a pedagogia do certo *versus* errado, o professor deve trabalhar diversificados tipos de textos e a características dos gêneros textuais.

> Creio que a grande tarefa do professor (de Língua Portuguesa) é transformar o aluno em poliglota na sua própria língua. Ele não deve ficar circunscrito nem à língua da rua, nem à língua dos grandes escritores, mas ele deve saber utilizar a variedade de língua como ele deve saber utilizar a variedade de roupa, dependendo da natureza da festa para a qual ele é convidado. (BECHARA, apud MORELI, 2017).

De modo geral, o professor tem como base os PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais) que utiliza de boas dicas e exemplos a serem ensinados em sala de aula, o que realmente precisa ser repensado é como o professor executa esses afazeres na tentativa de mudar o desempenho dos alunos como sujeito crítico.

A educação em si, precisa de professor pesquisadores e reflexivos que provoquem nos alunos o despertar do desconhecido, oferecendo aos estudantes a liberdade de expressar suas ideias, e quando necessário sair dos muros das instituições em busca de respostas em diferentes pontos da cidade. Para Lobrigato (2017) "Vivenciando essa experiência, tornou-se evidente que em sala de aula, dizer não basta e ensinar não dá conta. É preciso envolver os alunos naquilo que se acredita, provocar-lhes a curiosidade, o desejo por dominar, e conseguir comunicar-se por meio daquele gênero textual". Dessa forma, é compreensível que toda disciplina precisa ser contextualizada com situações que envolva os alunos, precisa-se retirar da mente do povo brasileiro que o ensino de Língua Portuguesa está interligada apenas as regras, é necessário construir novos paradigmas de ensino e buscar elementos motivadores para que os alunos se sintam desafiados com objetivo de alcançar a excelência nos estudos.

5 O ESTUDO SOBRE PICHAÇÃO E GRAFITE A PARTIR DOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCN'S)

5.1 Os objetivos gerais do Ensino de Língua Portuguesa

Ensinar a Língua Portuguesa é uma grande responsabilidade, pois garantir a todos os saberes necessários para a construção de uma identidade acarreta na necessidade de desenvolver práticas que auxiliam nessa construção, essa que está associada diretamente com o exercício da cidadania e participação social.

A Língua Portuguesa exige dos indivíduos o domínio da linguagem para que possam se expressar de forma clara e coerente. Portanto, é necessário que o professor saiba como manusear a disciplina em sala de aula para que aja um ensino – aprendizagem desejável.

Segundo Brasil (1997, p. 5), desta forma, utilizar dentro da sala recursos diferenciados ou até mesmo utilizar o "saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos óprio espaço da escola que não seja a sala de aula, pode colaborar na construção do conhecimento dos alunos. Trazer a realidade vivenciada por eles, formulando problemas e tentando revolvê-los é uma forma de estimular o pensamento lógico e a criatividade que os mesmos possuem, assim formando a criticidade e desenvolvendo o potencial de cada um.

A partir do conhecimento prévio que os alunos possuem, o professor como mediador do conhecimento deve saber fazer a associação do que eles já sabem com o que ainda irão aprender. Saber que em um espaço há diferentes formas de comunicação mesmo sendo a mesma língua, mostrar que existe as variedades linguísticas do português falado. Usar os conhecimentos por meio da prática de reflexão para expandir as possibilidades do uso da língua como um fator social.

Deste modo, fazer a relação entre o estudo da língua portuguesa e as imagens ou palavras nos grafites, podem ajudar a perceber a história vivenciada naquela localidade, pois, muitas vezes, são demonstradas pelos "rabiscos" a identidade cultural daquele povo, trazendo assim a inter-relação entre a sua história com o propósito de estudar a nossa língua como um fato social.

A língua não é somente aquela falada, a linguagem dos pichadores e grafiteiros está além do encontro de palavras e imagens, são códigos de pessoas que precisam ser ouvidas, pessoas que estão marginalizadas, são gritos de protestos contra uma sociedade

fechada para a arte de rua. Portanto, os objetivos propostos pelos PCN's, mostram que há possibilidades de realizar estudos com a linguagem que os mesmos (pichadores e grafiteiros) possuem para a construção do ser pensante.

> Utilizar a linguagem como instrumento de aprendizagem, sabendo como proceder para ter acesso, compreender e fazer uso de informações contidas nos textos: identificar aspectos relevantes; organizar notas; elaborar roteiros; compor textos coerentes a partir de trechos oriundos de diferentes fontes; fazer resumos, índices, esquemas, etc. (BRASIL, 1997, p. 33).

Ao analisar a linguagem dos pichadores e grafiteiros considerando as diferentes formas diferentes de aprender, percebe-se as inúmeras possibilidades de extrair um potencial educativo numa perspectiva crítica e social, uma vez que, somando-se os saberes dos pichadores e grafiteiros aos saberes docentes, pode acarretar em várias discussões no campo da sala de aula. A contribuição deles e da comunidade seria regulada em uma educação igualitária.

> Uma educação que pode contribuir para diminuir as desigualdades sociais, na medida em que o sujeito aprendiz, por meio do grafite, poderá se expressar e afirmar sua identidade, tendo acesso aos discursos públicos que, muitas vezes, são silenciados por não serem os discursos das elites simbólicas e sim críticas sociais que se ocupam com os interesses do povo [...] (SILVA; IAPECHINO, 2017).

Uma educação que possa colaborar para a diminuição das desigualdades sociais, sendo que se usufrui do campo da arte, poderão se expressar de forma mais crítica perante os discursos públicos das elites formadoras de opinião, tendo assim participação crítica e avaliativa. Portanto, a educação não é somente aquela dentro da sala de aula, ela está além dos muros da escola, o professor deve estar qualificado para enfrentar os desafios que estão presentes na educação.

Quando se utiliza a realidade dos alunos com o contexto da aula averígua-se que eles conseguem relacionar o que aprenderam, quando há contextualização do que está se aprendendo com o cotidiano do aluno é naturalmente e evidente que o mesmo consiga aprender de forma mais clara, segundo os PCN's "questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação". (BRASIL, 1997, p. 23)

Quando ocorre a relação do conteúdo e o contexto do aluno fica mais fácil a interação, pois, ele utilizará a criatividade, o pensamento para tentar colocar o seu ponto de vista, assim ocorrendo a interação na sala. Quando o professor se utiliza deste artificio, o mesmo consegue chamar a atenção do aluno, pois não está explicando algo que seja além da sua capacidade de entender, lembrando sempre que cada região possui uma forma de se

expressar, e assim promover uma aula satisfatória onde ocorra a aprendizagem devida do conteúdo.

> Ao fazer leituras e interpretações de mensagens de grafites espalhados pelas ruas e pela própria escola, o aluno poderá criticar os discursos das diversas escritas urbanas, percebendo os potenciais discursivo, sócio-histórico e cultural-artístico e até mesmo educativo de cada escrita, encaradas como gêneros textuais. (SILVA; IAPECHINO, 2017)

Na aula de Língua Portuguesa o professor pode levar pichações e grafites como um tema para discursão, primeiramente, fazer com que os alunos conheçam a história de cada um, buscar o potencial deles na sociedade ou buscar imagens ou códigos para fazerem a descrição do que seria, fazendo o uso da linguagem visual, ou seja, quando buscam identificar o que representam as imagens e códigos e o uso da linguagem oral, quando forem expressar a opinião. “Consideramos que, ao analisar as mensagens dos grafites, os alunos interagirão com um mundo real” (ORLANDI, 2004), deste modo, como foi citado, acontece a inter-relação, ou seja, os alunos irão interagir com as mensagens dos grafiteiros ou pichadores que estão espalhadas pela cidade com o estudo dentro da sala de aula.

De acordo com os objetivos dos PCN’s, o aluno no decorrer das aulas deve estar ciente da sua participação social, política, para poder exercer seus direitos e deveres no dia a dia, respeitando o outro para poder exigir respeito para si mesmo. Ter um posicionamento crítico, responsável nas diferentes situações sociais e compreender que a resolução de diferenças deve ser feita por meio do diálogo. O professor exerce um papel fundamental na formação dos indivíduos, portanto, cabe ao mesmo buscar maneiras de repassar um conteúdo, sem deixar a sua essência. Cabe, colocar que os objetivos posto aqui, ressaltam a importância da contextualização dentro da sala de aula. Como exemplo dessa contextualização, em uma aula de funções da linguagem, colocar em prática a linguagem visual dos pichadores e grafiteiros, tentar extrair dos alunos a capacidade de pensar sobre o que está descrito nas imagens e códigos, fazendo pesquisas bibliográficas, ou seja, que eles procurem saber qual o motivo levaram essas pessoas a deixarem sua marca nos cantos da cidade, ou pesquisa de campo, procurar pelos bairros da cidade pichações ou grafites, desta maneira o aluno se sentirá parte integrante e imprescindível da aula, causando assim, uma relação entre educando e educador.

> Os docentes que consideram o grafite como marginalização podem estar partindo da premissa de que os conteúdos curriculares e a didática são inquestionáveis e de que os alunos não possuem saberes e discursos a serem explorados em sala de aula e, portanto, precisariam ser dominados pelos saberes do professor SILVA; IAPECHINO, 2017).

Partindo desse pressuposto, deve-se compreender que há saberes em todas as

partes de uma comunidade desde a menos influenciável até as elites, o professor deve estar ciente de que a educação não é somente imposta dentro da sala de aula e aos livros didáticos, mas pode estar em um simples rabisco na parede.

Os alunos devem compreender que existe no meio escolar diferentes aspectos culturais de outros povos e nações sem que aja discriminação por parte dos mesmos, aprender que faz parte integrante de uma sociedade e que é um agente capaz de produzir opinião para contribuir com a melhoria do meio em que vive e assim, eles desenvolvam o sentimento de confiança para se expressar, para agir com firmeza na busca do conhecimento. Assimilar que utilizar diferentes fontes de informação como facilitadora para construir conhecimentos e saber questionar sobre determinados acontecimentos da realidade visando procurar soluções cabíveis. Respeitando as variedades linguísticas que existem no português sobre a fala, e saber o uso da linguagem como meio social para a interação como um instrumento de aprendizagem e compreendendo que o uso da dela (linguagem) possui um papel nas relações pessoais fazendo o indivíduo se expressar por meio dos sentimentos, experiências e sempre respeitando as opiniões dos outros, para entender que o conhecimento adquirindo serve como uma prática para a reflexão e desenvolver valores tanto no ambiente escolar como no ambiente social.

Conclui-se que, para o exercício da cidadania deve-se compreender os valores necessários à prática social, visando a busca do conhecimento sabendo respeitar para ser respeitado tendo consciência tem o direito à socialização como integrante de um meio social.

5.2 Linguagem e participação social

A linguagem é considerada uma das maneiras em que o indivíduo possui para se comunicar com os outros seres humanos, e a partir dela surge o infinito de possibilidades, pois é por meio da linguagem que se chega às informações e o compartilhar de pontos de vista diferentes.

Dessa maneira cada período possui um conjunto de formas discursivas em seu processo histórico, assim a comunicação sofre alterações possuindo novas fórmulas de linguagem.

> [...] as palavras do outro, introduzidas na nossa fala, são revestidas inevitavelmente de algo novo, da nossa compreensão e da nossa avaliação, isto é, tornam-se bivocais. O único que pode diferenciar-se é a relação de reciprocidade entre duas vozes. A transmissão da afirmação de um outro em forma de pergunta já leva a um atrito entre duas interpretações numa só palavra, tendo em vista que não apenas perguntamos como problematizamos a afirmação do outro. O nosso discurso da vida prática está cheio de palavras de outros. (BAKHTIN, 1981, p. 169).

Desse modo, os saberes linguísticos são modificados através da comunicação humana. A escola trata de desenvolver essa linguagem ajustando a capacidade afetiva para agir com perseverança na busca do conhecimento, uma das possibilidades é trazer o que está nas ruas para interação social, o grafite e a pichação proporcionam a didática transversal, colaborando para uma pedagogia transformadora.

Os conhecimentos linguísticos têm o poder de abrir a imaginação e despertar a curiosidade do receptor, pois é através da partilha de conhecimentos que surge tantas outras ideias e questionamentos. A escola tem o poder de aprimorar o conhecimento que o aluno adquire em casa, trabalhando os conhecimentos prévios e melhorando a visão de mundo. Assim, um projeto educativo trabalhado em grupo pode proporcionar aos alunos um leque de informações e despertar a curiosidade dos mesmos, atribuindo a escola a função e a responsabilidade de garantir aos discentes a democratização social, cultural e ampliando os saberes linguísticos para o aprendizado da cidadania e direito inalienável de todos.

A escola tem como responsabilidade ofertar para comunidade em prol dos estudantes a ampliação dos temas transversais, promovendo de forma que, progressivamente cada aluno se torne capaz de ler e interpretar diversos tipos de textos e imagens, assimilando a variação linguística das palavras como cidadão, de produzir textos dos mais variados gêneros.

5.3 Linguagem, atividade discursiva e textualidade

A linguagem é um conjunto de elementos organizados que servem como meio de comunicação para partilhar experiências e aprendizados, logo pensa-se na linguagem como discurso verbal e textual, fazendo referência a execução de pensamentos, ideias, opiniões por meio de palavras. No entanto, existem outros meios de linguagem, no qual são representadas por imagens, conhecida como linguagem não-verbal constituídas por signos para transmitir algum tipo de significado através das imagens.

A linguagem e o contexto social têm estreita relação com o domínio da língua portuguesa, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso às informações, expressa e defende seu ponto de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Assim, um projeto educativo contribui para a formação de cidadãos. A linguagem pode estar em várias práticas sociais, e é produzida em diversos ambientes, e para melhor compreensão da disciplina de Língua Portuguesa o professor deve fazer uso da interdisciplinaridade com intenção de despertar nos alunos o senso crítico em busca do

conhecimento.

> A aplicação didática de grafites pode vir a ser uma opção de abordagem dos temas transversais no ensino e implemento ao trabalho do professor em sala de aula, propiciando alternativas pedagógicas que levem esse professor a uma prática docente mais emancipatória e a escola a uma aproximação do universo e da realidade vivenciada por seu alunado – nesse sentido, a educação se caracterizaria como uma alternativa de ação para a prática educativa libertária. (SILVA; IAPECHINO; GOMES, 2017).

O educador deve utilizar as diferentes linguagens como meio de produção, contextualizando o grafite como representação de contextos públicos e privados, atendendo as diferentes intenções do propósito de educar os alunos com artes inseridas no meio em que vivem.

> Nesse sentido, a leitura dos grafites pode suscitar olhares voltados aos contextos social, histórico e cultural de uma comunidade e, sem dúvida, revelar-se um instrumento de formação cidadã pelo viés de construções identitárias co-instauradas por essas escritas [...]. (SILVA; IAPECHINO, 2017).

No grafite e na pichação pode-se trabalhar o contexto social, linguagem e a expressão do artista através das atividades discursivas, analisando o período de cada obra para contextualizar com os conteúdos de Língua Portuguesa. Dessa forma, emprega-se a intertextualidade, conduzindo o aluno a produção de textos unindo os conhecimentos adquiridos com suas novas descobertas acerca da arte.

Segundo Brasil (1997, p. 2) discute:

> Utilizar as diferentes linguagens – verbal, matemática, gráfica e corporal – como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação.

Os procedimentos metodológicos foram pautados nos estudos bibliográficos, estudo que está associado a leitura e compreensão reflexiva dos textos, os registros das atividades relacionadas como a escrita da pesquisa e a ação reflexiva, ou seja, reflexão sobre sua própria prática educativa, e a análise a luz da Linguística e da Língua Portuguesa, tendo como foco, integrar os fatores linguísticos dos pichadores e grafiteiros como uma forma de relacionar a linguagem com os fatores existentes na gramática portuguesa.

Comunicar-se com alguém existe um objetivo e finalidade de interesses, no grafite e na pichação não é diferente, o autor da obra utiliza suas produções para repassar a comunidade sua inquietação, independente do meio utilizado a comunicação tem por objetivo a transmissão de uma mensagem e a pretensão de ser entendido.

De outra forma a linguagem utilizada por uma roda de colegas e internautas atualmente é bem diferente de anos atrás, o contexto atual corresponde a outra forma de falar, caracterizado por um momento histórico. Além disso, uma conversa descontraída entre

professores diferencia-se daquela que ocorre entre operários de construção civil e pichadores de ruas, a função do conhecimento linguístico varia conforme ao meio que estão inseridos, como em relação aos códigos utilizados por quem não é da área.

Desse ponto de vista, a língua é o princípio de símbolos históricos que possibilita ao homem constituir significados. Assim, aprender uma linguagem que não faz parte de sua cultura requer conhecer as diferentes expressões de um povo. A linguagem oral possibilita ao homem entender de forma clara a realidade física e do meio social, o grafite e a pichação têm por iniciativa utilizar seus códigos através de tinta spray, e nas palavras do professor Francisco das Chagas (2016) “a parede não só ouve, mas passa também a falar, a gritar”.

A representação do pensamento regula ações, próprios e alheios, também, compartilha de ideias, reflexão e finalidades de diversas naturezas, dessa forma, o entusiasmo influencia o outro a estabelecer relações que anteriormente eram inexistentes.

O significado da linguagem varia de acordo com a tonalidade de como as palavras são expostas, no grafite e na pichação essa linguagem é construída de acordo com o protesto, em busca das expressões de um mesmo contexto de intervenção, e ter o que dizer só é possível quando se constroem representações de mundo. O ato de se comunicar e de entender permite ao mediador e receptor novos modos de compreender o mundo baseado nas experiências cotidianas do dia a dia. É no interior da fundamentação da linguagem que o sujeito entende a mensagem e o objetivo de um discurso em prol de um determinado assunto a ser compreendido.

Produzir palavras e imagens requer a organização de pensamentos e a construção da linguagem, significa transmitir uma mensagem e decodificá-la em um determinado contexto histórico, isso significa que palavras e pensamentos são construídos para elaboração de um discurso onde dever haver adequação das palavras para entendimento do ouvinte. Que dizer: quando a troca de informações através da linguagem verbal o discurso se organiza a partir dos conhecimentos em que ambas as partes possuem sobre determinado assunto, do que se supõe ser suas opiniões.

Para elaboração de um discurso na pichação é necessário possuir a competência de conhecimentos na utilização para dirigir de modo condizente. Assim, a relação entre os sujeitos e o sistema de conhecimento, partilha da mesma conexão ideológica. O discurso origina-se de um conjunto de ideias organizadas que se manifesta linguisticamente por meio de textos (protestos) e imagens. Os manuscritos intencionais dos pichadores têm o propósito de gerar discussão como em frases poéticas, questionadoras ou textos de cunho político. As manifestações são uma sequência de palavras constituídas fazendo relação uma com as outras,

estabelecendo a coesão e coerência.

Esse conjunto de palavras nada mais é que a ligação entre um protesto e outro, na construção de um texto discursivo os parágrafos ligam uma ideia a outra, como em uma ordem cronológica agrupando os acontecimentos em uma linha temporal.

> Todo texto se organiza dentro de um determinado gênero. Os vários gêneros existentes, por sua vez, constituem formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura, caracterizados por três elementos: conteúdo temático, estilo e construção composicional. Pode-se ainda afirmar que a noção de gêneros refere-se a "famílias" de textos que compartilham algumas características comuns, embora heterogêneas, como visão geral da ação à qual o texto se articula, tipo de suporte comunicativo, extensão, grau de literariedade, por exemplo, existindo em número quase ilimitado. (BRASIL, 1997, p. 23).

A linguagem possui um discurso variado de significados, refere-se a presteza comunicativa que é resolvido uma determinada situação, a elaboração do discurso se relaciona com assuntos que já foram discutidos. Nesse sentido, os textos, como resultado significativos estão em harmonia com outros, esse fenômeno dialoga entre outros textos e não precisa necessariamente ser do mesmo gênero. Os vários gêneros existentes formam textos de características e intenções diferentes, a linguagem utilizada possui finalidades, seja ela de convencer, narrar ou de cunho literário.

Dessa forma, Bakhtin (2003, p. 264)

> explica a importância dos gêneros e discurso, visto que eles são mais que enunciados ou temas de assuntos apresentados ou discursados: possuem a função de organizar ou moldar os discursos, de acordo com os gêneros apresentados em uma frase ou enunciado, tornando mais simples as formas com as quais entendemos o significado das palavras e frases de um indivíduo, seja por fala ou escrita. Caracterizam-se por seu estilo, conteúdo, temático e estrutura composicional.

No ato do pichar é o momento em que o pichador transcreve seu discurso com base naquilo que incomoda, dependendo da abordagem o gênero apresentado pode variar, pois a pichação e o grafite tem caráter efêmero e está propenso a intervenções.

Pode-se afirmar que a noção de gêneros, linguisticamente falando, refere-se ao contexto familiar, isso acontece quando um ente próximo faz uso dessa linguagem para fomentar a imaginação dos ouvintes, como visão geral o texto, as expressões de protestos articulam como suporte de expansão para ampliação do discurso.

Os gêneros textuais assim como as mensagens expostas nas paredes das cidades possuem estilos próprios e variam na estrutura, as intenções comunicativas, dependem do assunto e da forma como será abordada, fazendo uso da linguagem formal e informal para enfatizar o diálogo.

5.4 Diversidade de texto

A linguagem é essencial para a formação do indivíduo, pois, trata de elementos que consistem na compreensão da unidade de palavras, a escola é o espaço onde se tem acesso ao conhecimento, aprende-se que há uma necessidade de comunicação, por isso, a diversidade de texto promove nos alunos capacidade para a interação. A educação não é somente dentro da escola, ela faz parte de um todo, portanto, para exercer verdadeiramente a profissão de educar deve estar ciente e comprometido com o exercício da cidadania.

Criar condições para o desenvolvimento é imprescindível para a assimilação da capacidade de uso da linguagem que pode estar ligada diretamente com as ações do cotidiano. Os textos fazem parte do contexto e transmitem finalidades como a reflexão, informação, busca de opinião, para que finalize com o conceito de quem está lendo. A escola tem o papel de viabilizar para o aluno o acesso a textos que possam acrescentar na sua formação acadêmica, cabe ao professor destinar os tipos de textos durante a aula. Diante disto, pode-se citar aqui textos que fazem parte do cotidiano dos alunos, textos esses que circulam por toda a cidade de forma rápida, alguns conseguem captar a mensagem em apenas alguns instantes já outros precisam primeiro, tentar identificar a mensagem antes de marginalizá-los.

O texto serve para aprimorar o desenvolvimento cognitivo dos alunos perante a linguagem, de acordo com os PCN'S, a diversidade de texto colabora para a aprendizagem de forma menos sistemática e que podem estar relacionadas com o dia a dia dos estudantes. Consequentemente, as imagens ajudam na ampliação do conhecimento, por isso, utilizar textos com imagens chamam a atenção e até podem acarretar mais informação para o indivíduo. (BRASIL, 1997).

A pichação e o grafite apresentam formas, cores, letras, informações que trazem reflexão, e ao prestar atenção, percebe-se que eles estão por toda a parte, inclusive dentro da instituição de ensino, e que muitas vezes são feitos pelos próprios alunos. Ao se fazer uma ponte entre o ensino de Língua Portuguesa e as imagens e códigos que a pichação e o grafite apresentam, tem-se uma forma de texto que pode ser apresentada na aula de Língua Portuguesa, podendo então, apresentar e questionar sobre o tipo de informação que o texto possui, qual mensagem deixada pelo texto e por fim, deixar que os alunos se expressem sobre a arte apresentada.

Imagens de pichações encontradas nas ruas das cidades podem ser levadas para a sala de aula para interpretações dos alunos, como um artifício para chamar atenção e tentar desenvolver a linguagem e leitura visual, abaixo algumas imagens retiradas do Google

imagens, uma pichação e a outra um grafite.

Figura 01: Pichação contra o governo de Dória em São Paulo.



Fonte: Disponível em: https://www.google.com.br/imagens+de+pichação+em+forma+de+protesto

Figura 02: Grafite assinado pelo artista Bonga enfeita a estação de trem da CPTM de Pirituba.



Fonte: Disponível em: http://www.google.com.br/imagens+de+grafite+em+muros.

Na primeira imagem, tem-se uma pichação criticando o governo do atual prefeito de São Paulo, João Dória, que mandou pintar tudo que havia de pichação e grafite pela cidade. Já na segunda imagem é um grafite, pode-se perceber que no grafite as cores são mais vivas e intensas. O fato é que prestando atenção, identifica-se que são textos e eles acarretam uma informação. Segundo Brasil (1997, p. 26) “Cabe, portanto, à escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensiná-los e produzi-los e a interpretá-los”. Deste modo, ao usufruir de inovações no contexto da sala de aula, pode-se transmitir aos alunos conhecimentos diferenciados, não somente aqueles que estão expostos no livro didático, procurar instigar os alunos para a busca de seus conhecimentos a partir de tudo que

está ao nosso redor.

Se não forem utilizados diferentes formas para instigar à aprendizagem, compreensão do que se ler e se ver, não houve nenhum benefício da aula apresentada, logo, faz-se necessário compreender que a leitura e interpretação não está associada somente em textos de livros ou poemas de literatura, não discriminando a leitura dos mesmos, pois são importantes para a aprendizagem, mas deve-se ressaltar que existe várias coisas a serem interpretadas como: um problema de matemática, a geografia dos mapas, os conceitos da aula de história, as representações feitas pela pichação e as imagens e imagens de palavras produzidas pelos grafiteiros. "[...] É preciso salientar ao corpo docente que, ao abordar o grafite em sala de aula, o professor poderá levar o ensino a uma pedagogia pautada em princípios libertários, por ser significativo e aproximado da linguagem juvenil." (SILVA; IAPECHINO, 2017).

Um fato relevante é que o docente, muitas vezes, não busca trazer novidades para sala de aula, porque acha que pode "atrapalhar" ao invés de acontecer o contrário, mas se não arriscar nas novas formas de ensinar, o resultado será o retrocesso, pois, as tecnologias estão avançadas e as notícias são de fácil acesso da mesma forma que a educação estar em apenas um click. Trazer inovações não é somente colocar jogos e brincadeiras que não tenham uma finalidade significativa, inovações é apresentar a sua aula de uma maneira menos metódica e mecânica é transformar o espaço em aprendizagem em conhecimento.

"Sabemos que as salas de aula não possuem sujeitos iguais e sim uma grande diversidade que deve ser considerada ao pensar o currículo escolar". (MOREIRA, 1982) as salas de aula existem variedade de pessoas que pensam diferentes de modos e capacidades diferentes, no entanto, percebendo esse contexto escolar é necessário recursos didáticos que apresentem um ponto educativo que enfatize na aprendizagem do aluno, nesse processo de ensino-aprendizagem o educando deve caracterizar sentindo à sua aprendizagem, ou seja, uma significação ao que está aprendendo e ter capacidade para agir de forma coerente.

> A questão é que pôr em prática, por exemplo, uma aula em que o grafite é alvo de discussão sobre interpretação pragmática de enunciados é um desafio para o professor e significa ruptura com bases de um ensino de gramática normativa estanque em regras gramaticais descontextualizadas e inquestionáveis. (SILVA; IAPECHINO, 2017).

A questão é que a inovação é sempre difícil, principalmente, quando o professor já está adaptado com o seu método de ensino, tentar algo novo parece ser algo arriscado e que provavelmente não irá dar certo, mas se vencer as dificuldades, enfrentando seus próprios

conceitos de que suas práticas sempre funcionam já é um passo para refletir e questionar a sua própria prática e assim, buscar novos artifícios que contribuam de forma satisfatória.

Deste modo, existem diversidades de textos que podem ser utilizados no contexto da sala de aula, a proposta aqui é levar para os alunos os textos que causam um impacto imediato e mostram a realidade vivenciada por eles, por isso, as mensagens espalhadas pela cidade dos pichadores e grafitem acarretam informações e ao mesmo tempo causam impacto para quem está admirando esse que pode ser de forma negativa ou positiva. “O objetivo de conhecimento é tudo o que, sendo observável pelo sujeito, torna-se foco de seu esforço de conhecer” (PCN’s, 1997, p. 25), ou seja, colocando as ilustrações de pichações e de grafites tendo como foco ressaltar a mensagem posta por eles, abre-se a capacidade de observar e tirar conhecimento dos variados textos que estão presentes no cotidiano.

5.5 O texto como unidade de ensino

Ensinar a Língua Portuguesa exige muito mais do que juntar sílabas ou formar palavras, é necessário compreender que cada indivíduo aprende de maneiras diferentes e que pensam e agem diferentes, neste contexto pode-se definir que, ensinar a língua materna está além de apresentar regras e textos acoplados em livros didáticos, é compreender que para a formação do indivíduo letrado é necessário fazer a associação entre gramática e Linguística, ou seja, as variedades existentes na linguagem e a forma como deve ser representada. Mas a questão é como apresentar textos diferenciados aos alunos? Essa questão varia de professor para professor, pois, existem diversas formas de textos que podem ser acrescentados de forma criativa na aula.

Quando se trata de textos, algumas escolas escolhem os que servem para ensinar à leitura deixando uma parte que também é essencial a interpretação, alguns desses textos não trazem nenhuma informação que faz relação com a realidade dos alunos, portanto, muitos passam despercebidos, serviram apenas naquele momento para a leitura. Todavia, deve-se apresentar textos que os alunos internalizem e que seja relevante para a realidade, pois, tudo que não é relevante, a memória não internaliza, agora quando é algo que está diretamente ligado à realidade do indivíduo se aprende com facilidade.

Posto que os textos são unidades de ensino que devem apresentar informações conducentes e relevantes para quem se ler, o professor pode expor para os alunos textos diferenciados como: quadrinhos, charges, revistas entre outros, olhando por esse lado, existem

diversas tipos de texto a serem explorados na aula de Língua Portuguesa, portanto, pode-se apresentar a pichação e o grafite, que não deixam de ser textos, esses que podem trazer muitas informações como: na pichação muitos muros apresentam conteúdo de protesto, o grafite pode apresentar em forma de imagens que, muitas vezes, impactam o telespectador.

"Um texto não se define por sua extensão. O nome que assina um desenho, a lista do que deve ser comprado, um conto ou um romance, todos são textos" (BRASIL, 1997, p. 27). Partindo deste ponto de vista, a pichação quando retrata uma palavra é um texto, a imagem pichada pelo grafiteiro também é um texto. O texto não é somente aquele no papel com mais de 3 ou 4 laudas, eles podem se apresentar até em uma simples receita de bolo ou então nos muros das cidades.

O problema é que as escolas trabalham de forma limitada os textos, usando apenas aqueles que creiam ser, necessariamente, fácil de ler, muitos também são vistos apenas para complementar com o estudo da gramática, deixando de lado os elementos linguísticos, esses que compõem a linguagem que está em uso. Muitas atividades que utilizam os textos não incentivam os alunos a sentir prazer em ler, as vezes são extensos e cansativos que trazem temas que não são absorvidos pelos alunos por não transferir uma informação que seja significativa para eles, não discriminando o texto, pois é importante na formação dos alunos, mas apresentar aqueles que tenham relação com o cotidiano dos mesmos.

Nesse processo de ensino-aprendizagem, os textos devem vim com o intuito de aprimorar o conhecimento, portanto, o aluno deve tentar se acostumar com a leitura e assim perceber que pode ser ativo na sociedade como um sujeito crítico e exercendo a capacidade discursiva de forma que apresente informações concludentes para cada situação, pois alguns textos exigem linguagens diferentes. O exercício da leitura não é uma decodificação das palavras dos textos é, no entanto, uma forma de expressar o conteúdo apresentado neles, ou seja, você ler e interpreta de forma coerente.

> E assim, existindo emissor, receptor e mensagem, seja o Grafite, e/ou pichação é comunicação. É através dessa comunicação, entendida como linguagem é que os pichadores e/ou grafiteiros esboçam seus íntimos desejos, suas frustações, seus receios. (OLIVEIRA, 2017).

As produções feitas pelos pichadores e grafiteiros ocasionam para aqueles que olham informações diversificadas que, muitas vezes, estão relacionadas com os acontecimentos do dia a dia, portanto, é uma forma de expressar seus desejos, aflições ou também de protestar é uma forma de se comunicar. Portanto, esses textos trazem informações feitas pelos pichadores ou grafiteiros, essas que muitas vezes, passam despercebidas pela sociedade.

A qualidade de um texto não está em quantas palavras elas possuem e sim a informação que ela repassa, ao pegar imagens de pichações de várias cidades, pode-se perceber diferentes formas que cada pichador possui, ou seja, cada cidade possui uma *tag* diferente, as informações pichadas nos muros determinam o que aquela cidade está passando da mesma forma encontramos os grafites.

Saber utilizar esses textos dentro do contexto social escolar é importante para que os alunos saibam identificar o conteúdo de forma coerente, ensinar Língua Portuguesa não é uma tarefa fácil, mas que pode ser prazerosa dependendo da forma da abordagem do professor sobre os conteúdos.

Diante disto, a linguagem exercida por esses grupos marginalizados de pessoas, exercem funções não somente de transgressão, mas de transferir que os mesmos também possuem conhecimento e merecem ser ouvidos.

> Há conteúdos que podem ser trabalhados em situações de reflexão sobre a língua, com o objetivo de conhecer e analisar criticamente os usos da língua como veículos de valores e preconceitos de classe, credo, gênero e etnia. Explicitando, por exemplo, a forma tendenciosa com que certos textos tratam questões sociais, e étnicas [...] (BRASIL, 1997, p. 37).

Portanto, usufruir de conteúdos diversificados dentro da aula, é estimular a criticidade do aluno, como forma de contribuir cada vez mais para a aprendizagem do educando. Os textos não são apenas para a realização da leitura, eles devem conter questões sociais as quais tragam elementos que ajudem no processo de aquisição de conhecimento, tendo em vista que, devem estar contextualizados com a vivencia do aluno. Nesse processo de ensino, vale ressaltar que, a forma da abordagem do conteúdo também ajuda o aluno a adquiri esse conhecimento, nesse percurso, o educando deve se sentir parte integrante para que se sinta confortável para participar. “Perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente” (BRASIL, 1997, p. 5). Portanto, quando o aluno se sente seguro para compartilhar seu conhecimento, a aula se torna mais agradável, o conteúdo estabelecido quando relacionado com a realidade e quando o aluno também se sente favorável a questionar ou contribuir com o conhecimento prévio se torna mais fácil para a aquisição.

Neste sentido, a contextualização do conteúdo não é somente colocar algo superficial do cotidiano do aluno, é estabelecer uma ponte entre o conhecimento prévio e o que está no contexto social que faz parte integrante da sociedade com o assunto que estar sendo estudado. Deste modo, a pichação e o grafite como uma arte que está diretamente espalhada nas ruas da cidade torna possível a contextualização e de certa forma a linguagem

estabelecida por eles também acarreta um sentido para quem ver.

> O ensino de Língua Portuguesa, pelo que se pode observar em suas práticas habituais, tende a tratar essa fala da e sobre a linguagem como se fosse um conteúdo em si, não como um meio para melhorar a qualidade da produção lingüística. É o caso, por exemplo, da gramática que, ensinada de forma descontextualizada, tornou-se emblemática de um conteúdo estritamente escolar, do tipo que só serve para ir bem na prova e passar de ano — uma prática pedagógica que vai da metalíngua para a língua por meio de exemplificação, exercícios de reconhecimento e memorização de nomenclatura. (BRASIL, 1997, p. 31).

Ter a contextualização do conteúdo é imprescindível para gerir conhecimento no indivíduo, muitas vezes, o professor trabalha apenas o conteúdo gramatical sem levar em conta o contexto dos alunos, portanto, quando discutimos sobre a pichação e o grafite como uma forma de aprendizagem, não é somente para mostrar que eles precisam ser ouvidos perante a sociedade, é também acrescentar para a aprendizagem do aluno, os discursos existentes por esse grupo, mostrar que muito dos "rabiscos" que estão nas ruas, são formas que os mesmos acharam para protestar ou mostrar os acontecimentos do país.

Deste modo, mostrar a linguagem dos pichadores e grafiteiros, não está desmoralizando o estudo de Língua Portuguesa e sim complementando, de acordo com os PCN's (1997) quando relata a importância dos temas transversais no ensino – aprendizagem dos alunos destaca que relacionar o conteúdo didático com temas relevantes na sociedade ajuda para a formação do indivíduo, deste modo, destacar a pichação e o grafite como forma de aprendizagem, constrói uma ponte de conhecimento para o educando.

Partindo do pressuposto que os temas transversais ajudam na aprendizagem dos alunos, vale ressaltar que são temas que devem conter uma composição para a contextualização. Portanto é essencial acrescentar que a pichação e o grafite contêm conteúdos que podem ser relacionados de forma coerente.

> Os conteúdos dos temas transversais, assim como as práticas pedagógicas organizadas em função da sua aprendizagem, podem contextualizar significativamente a aprendizagem da língua, fazendo com que o trabalho dos alunos reverta em produções de interesse do convívio escolar e da comunidade. (BRASIL, 1997, p. 37)

Deste modo, quando há a contextualização fica mais fácil os alunos questionarem sobre o conteúdo ou até mesmo colaborar com o que já sabem, nesse processo de aprendizagem os educandos acabam processando o assunto mais rápido e assim produzindo as atividades de forma mais consciente, tornando a aula mais produtiva.

5.6 A linguagem dos Pichadores e Grafiteiros como forma de aprendizagem de acordo com PCN's

A linguagem é essencial para a comunicação dos indivíduos, a mesma acarreta conhecimento sobre a realidade de um povo, a partir das estruturas mentais reguladas pelo campo simbólico, com a linguagem os indivíduos produzem e reproduzem conceitos e transforma o seu espaço. A linguagem não é exclusivamente oral, mas também visual, na gramática utiliza-se o termo linguagem verbal e não verbal.

A pichação e o grafite produzem a linguagem não verbal, pois mesmo que não seja escutada, consegue-se interpretar o que as imagens representadas nas paredes ou muros produz. Esse grupo de pessoas picha com o intuito de mostrar a sua arte ou até mesmo de protestar algo. Para utilizar a linguagem dos pichadores e grafiteiros no contexto escolar é necessário que o professor de Língua Portuguesa antes de trazer as imagens, explique sobre o surgimento delas e como a linguagem utilizada por eles transfere informações ao indivíduo.

A forma de abordagem dessa linguagem deve estar relacionada com o contexto dos alunos, pode-se ressaltar que as escolas possuem essa linguagem por toda parte, que são feitas, muitas vezes, pelos próprios alunos.

> Toda a linguagem carrega dentro de si uma visão de mundo, prenha de significados e significações que vão além do seu aspecto formal. O estudo apenas do aspecto formal, desconsiderando a inter-relação contextual, semântica e gramatical própria da natureza e função da linguagem, desvincula o aluno do caráter intrasubjetivo, intersubjetivo e social da linguagem. (BRASIL, 2000, p. 6).

Considerando que a linguagem é um fator social e que acarreta uma visão de significados a partir dos conceitos prévios existentes de um indivíduo, quando abordados no contexto escolar é importante relacionar com o contexto social dos alunos para que aconteça a aprendizagem de forma satisfatória e significativa.

Portanto, quando se seleciona as imagens para levar aos alunos, deve-se investigar primeiro, o que retrata as imagens e qual a mensagem que a mesma quer repassar, para por fim, poder levar para a sala de aula e apresentar aos alunos. Considerando sempre que cada um possui uma forma diferente de compreensão, e as manifestações culturais exercidas por esse grupo de pessoas (pichadores e grafiteiros) contribua para a formação do aluno, possibilitando a ele aprender a respeitar as diversidades culturais e a forma de organização que alguns grupos possuem e ter o interesse em contribuir de forma significativa.

Deste modo, levar imagens de pichações e grafites de determinada época e expor o contexto histórico delas como forma demonstrar que seriam uma forma de linguagem (protestar, colocar o ponto de vista) pichando os muros da cidade para chamar atenção das

elites, mídias que formavam a camada social intensa da época. Abaixo imagens de pichações com a linguagem de protesto.

Figura 03: Ditadura Militar no Brasil entre (1964 – 1985).



Fonte: Disponíveis em: http://www.google.com.br/imagens+ditadura+militar

Figura 04: Protesto contra o governo de o atual Presidente Michel Temer.



Fonte: Disponível em: http://www.google.com.br/imagens+contra+governo+de+michel+temer.

Os códigos apresentados nas imagens acima destacam que a pichação não é somente uma forma de transgressão no ambiente das cidades, a mesma é uma forma de transcrever os sentimentos de protesto e do exercício crítico da sociedade. Segundo Brasil (2000, p. 8) relata que "As diversas realizações – em tempos diferentes -, a função e o uso das linguagens permitem verificar suas especificidades e selecionar focos de análise". Deste modo, ao analisar o contexto social e os acontecimentos e a forma de linguagem durante a aula de Língua Portuguesa acarreta na compreensão de forma gradual aos alunos, estes que devem compreender o uso da linguagem como forma de comunicação social.

Portanto, faz-se necessário trabalhar as artes públicas, especificamente as de ruas a arte trouxe mudanças nesse pensamento, as paredes grafitadas transmitem mensagens e ideias de uma forma direta ao público que transita pelos bairros da cidade as imagens de certa forma fogem do contexto do ensino da gramática pura por envolver os alunos a buscar interpretações através das manifestações expostas nas ruas das cidades.

Na aula de Língua Portuguesa o professor deve exercer a função de mediar o conhecimento para os alunos, portanto, quando for apresentar um conteúdo que seja contextualizado como, por exemplo: a linguagem dos pichadores e grafiteiros é importante instigar os alunos a confrontar de forma sadia as opiniões e os pontos de vista, assim havendo uma comunicação entre eles. Partindo desse pressuposto de confrontar as opiniões e os pontos de vistas, devem também estabelecer o respeito às diferentes manifestações de linguagens, pois, nem todos pensam da mesma maneira, se para um a linguagem estabelecida por esse grupo não exerce função participatória na sociedade é dever respeitar, mas de certa forma, apresentar essa linguagem no ambiente escolar é demonstrar a participação que esse grupo teve na sociedade atual.

> [...] o professor deverá oportunizar experiências com a linguagem, onde os alunos possam interagir/dialogar, fazendo uso da modalidade oral da língua, através de estratégias de leituras e de escrita recorrentes e consistentes para a consecução de tais objetivos, que são a interlocução e/ou interação entre os alunos. Para tanto, o uso do texto na sala de aula deverá ser inovador, diferenciado, atendendo às expectativas dos alunos, bem como constante e de maneira contextualizado, significativo. (FREITAS; BARBOSA, 2017).

Portanto, usufruir do uso da linguagem como artifício para tornar alunos críticos faz-se necessário, pois, quando se leva variadas formas de se comunicar estar se colocando as linguagens exercidas por cada uma, como forma de integração social. A linguagem exercida por esse grupo (pichadores e grafiteiros) traz consigo informações que acarretam subsídios para a formação crítico social e cultural na sociedade.

6 CONCLUSÃO

Podemos concluir que, o ensino de língua portuguesa está pautado em um ensino mecanizado, onde percebemos que a gramática e suas regras possuem um espaço profundo, essa educação dita muitas vezes, educação bancária que deposita os conhecimentos, educação que condiciona os alunos. Dentro do campo escolar existem alunos com diferentes necessidades de aprendizagem, desta forma, trazer as inovações como forma de complementação no ensino-aprendizagem dos alunos.

A pichação é o grafite tem elementos que propiciam intervenção no espaço, tendo em vista que, as informações desse grupo estão espalhadas por todas as partes da cidade, desde os muros, prédios até monumentos, esses que muitas vezes, vem em forma de demonstrar algo que está relacionado diretamente com a sociedade sendo assuntos políticos, econômicos, culturais até mesmo a sua *Tag* (etiqueta, marca, assinatura). Portanto, trazer as imagens e códigos para sala de aula com o intuito de mostrar a linguagem estabelecida por esse grupo que muitas vezes são marginalizados pela sociedade.

Deste modo, a pichação e o grafite no contexto da sala de aula podem servir como uma sensibilização crítica e estabelecer uma aprendizagem voltada para a linguagem, não somente usar a gramática normativa, não que ela não seja importante, mas fazer a contextualização onde o aluno se sinta à vontade de questionar, se expressar, pois, uma aula não é feita somente com o repasse do conteúdo pelo professor, mas através da comunicação entre professor e aluno.

De acordo com as propostas dos PCN’s (1997) os alunos devem saber utilizar as diferentes formas de linguagem para que saibam se expressar perante qualquer situação, tendo em vista que essa linguagem deve acarrear significação, diante disto, a linguagem estabelecida pelos pichadores e grafiteiros acarretam, muitas vezes, críticas sociais, culturais perante os problemas que a minoria da sociedade vivem. Além de que a linguagem estabelecida por esses grupos são manifestações artísticas que pode instigar e envolver o aluno no assunto proposto, facilitando assim a aprendizagem que se torna algo significativo para os mesmos.

Portanto, os objetivos propostos aqui é trabalhar os instrumentos de leitura e interpretação visando as imagens e códigos usados pelos pichadores e grafiteiros para provocar o ensino e que se torne algo atrativo e principalmente, que transforme o espaço e que garanta a aprendizagem no contexto escolar. As manifestações exercidas por esse grupo,

muitas vezes, fazem parte da realidade muitos que vivem em lugares carentes. Quando ocorre a contextualização do conteúdo, é provável com o aluno participe, pois, a aula se tornará algo mais claro.

Querendo ou não a pichação e o grafite estar por toda parte, até mesmo dentre da escola, pois, muitos alunos, picham as paredes com seus nomes, desenhos, personagens que se tornam parte do contexto escolar. Os professores de língua portuguesa através dos desenhos dos alunos podem propiciar uma aula diferenciada, trazendo as criações dos mesmos como fatores da linguagem, pois, quando outro aluno identifica o que a imagem quer repassar é uma forma de comunicação. Portanto, esses elementos são característicos da pichação e do grafite, que desde o início da sua história, apareceu como uma forma de comunicação (protestar sobre algo, demarcar território).

Contudo, as imagens e códigos estabelecidos por esse grupo (pichadores e grafiteiros), acarretam não somente a ideia de arte contemporânea, mas trás consigo elementos históricos, lutas, batalhas, forma de protesto, arte que podem ser aproveitadas no contexto escolar. A linguagem é um fator essencial, que está além de juntar sílabas, além de saber ler e escrever ela por sua vez, faz parte do cotidiano do aluno, portanto, é necessário compreender que as inovações no ensino servem para acrescentar no conteúdo estudado na sala de aula, é imprescindível, pois, ajuda tanto a aprendizagem como na relação entre professor e aluno.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRINO, Beatriz; MAGALHÃES, Mateus; ÁVILA, Janayna**. O porquê do X: o pixo e as discussões de sua estética aberta.** Alagoas, 2017. Disponíveis em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-0832-1.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2017.

AZEVEDO, Josilete Alves Moreira. **Ensino de Língua Portuguesa:** da formação dos professores a sala de aula. Natal, 2012. Disponível em: < http://www.bdtd.ibict.br/vufind/>. Acesso em: 20 jun. 2017.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense- Universitária 1981.

_____. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAASCH, Mariani santos. O grafite e pichação: o que dizem os muros da escola? Florianópolis, 2014. Disponível em: <http://www.google.weblight.com/?lite_url=https://repositório. ufsc.br. Acesso em: 25 jun. 2017.

BARBOSA, Jailma do Ramo. **O ensino de Língua Portuguesa: teoria e prática,** 2014. Disponível em: <http://www.periodicos.capes.gov.br>. Acesso em: 20 jun. 2017.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** língua portuguesa. Brasília. Secretaria de Educação Fundamental: 1997.

BRASIL, Secretaria de Educação Médio e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais – Ensino Médio**. Brasília: Secretaria de Educação Médio e Tecnológica. 2000.

CRUZ, Evanilton Gonçalves Gois da. **Grafite como prática de letramento: o muro e seus escritos**. Salvador, 2014. Dados disponíveis em: <http://www.repositorio.ufba.br/ri/ bitstream/ri/17126/1/TCC%20-%20Evanilton%20Gonçalves.pdf> Acesso em: 25 jun. 2017.

FREITAS, Manoel Guilherme de; BARBOSA, Maria do Socorro Maia Fernandes. **O professor de Língua Portuguesa no contexto atual: desafios e avanços.** 2013. Disponíveis em: <http://www. revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/130>. Acesso em: 25 jun. 2017.

FURTADO, Janaína R e ZANELLA, Andréa Vieira. **Graffiti e pichação: relações estéticas e intervenções urbanas.** In: Visualidade. Revista do mestrado em cultura visual. FAV- UFG v 7, n 1. Goiânia: UFG, 2009.

GERHARDT, Ana Flávia Lopes Mangela. **O conhecimento metalinguístico, os enquadramentos da construção dos significados nos textos e o ensino de Língua Portuguesa.** Alfa, São Paulo, 2015. Disponível em: <http://www.peiodicos.capes.gov.br>. Acesso em: 25 jun. 2017.

HALL, S. The work of representation. In: Hall, Stuart. **Representations:** cultural representations and signifying practices. London/Thousand Oaks/ New Delhi: Sage/ The Open University, 1997.

LAZZARIN, L. F. "Grafite e o Ensino da Arte". **Revista Educação & Realidade**. 32(1): 59-74, jan/jun. 2007.

LOBRIGATO, Carolina. **A arte de envolver e provocar os alunos!** São Paulo, 2017. Dados disponíveis em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/formacao/na-pratica/relatos-de-pratica/artigo/2376/a-arte-de-envolver-e-provocar-os-alunos>. Acesso em: 10 jul. 2017.

MESQUITA, Elisete Maria de Carvalho. **O ensino de Língua Portuguesa no Brasil:** concepções de texto, concepções de leitura, 2015. Disponível em: <http://www.periodicos.capes.gov.br>. Acesso em: 10 jul. 2017.

MOREIRA. A. F. B. **Identidades, saberes e práticas.** Petrópolis, RJ: 1982.

MORELI, Silva Maria. **O ensino de língua portuguesa no brasil**. São Paulo, 2007. Disponíveis em: <http://silmoreli.blogspot.com.br/2007/04/0-ensino-de-lingua-portuguesa-no-brasil.html>. Acesso em: 10 jul. 2017.

OLIVEIRA, Rogério Alves**. Linguagens visuais dos pichadores e grafiteiros em Alagoinhas–BA.** Bahia, 2015. Disponíveis em: <http://www3.ufrb.edu.br/ebecult/wp-content/uploads/2012/04/Linguagens-visuais-dos-pichadores-e-grafiteiros-em-Alagoinhas-BA.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2017.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio:** no movimento dos sentidos. 6 ed., Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

RAMOS, Célia Maria Antonacci. **Grafite & pichação**: por uma epistemologia da cidade e da arte. São Paulo, 2007. Disponíveis em: <http://www.anpap.org.br/2007/2007/artigos/127.pdf. Acesso em: 15 jul. 2017.

RAMOS, Célia Maria Antonacci**. Grafite, Pichação & Cia.** São Paulo: ANNABLUME, 1994.

RIZZATTI, Mary Elizabeth Cerutti. **Ensino de Língua Portuguesa e inquietações teóricas metodológicas:** os gêneros discursivos na aula de português e a aula (de português) como

gênero discursivo. Alfa, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.bdtd.ibict.br/vifind/>. Acesso em: 15 jul. 2017.

ROELS JR., Reynaldo. **Jornal do Brasil**, 07 de Março de 1988.

SALLES, Michely Mara Cardoso Werneck da Silva. **Textos multimodais e letramento: o trabalho com textos imagéticos em livros didáticos de língua portuguesa.** 2014. Disponível em:<http://www.periodicos.capes.gov.br>. Acesso em: 15 jul. 2017.

SCHULTZ, V. "**Intervenções urbanas, arte e escola: experimentações e afectos no meio urbano e escolar"**. 19 o Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas "Entre Territórios". Cachoeira, BA. 2010.

SILVA, Renata Carvalho da; IAPECHINO, Mari Noeli Kiehl. **A possibilidade de um "náo-possível":** o grafite em uma perspectiva didática, 2010. Disponíveis em:< http://www.encontrosdevista.com.br/Artigos/A_POSSIBILIDADE_DE_UM_NAO-POSSIVEL_O-GRAFITE%20EM_UMA-PERSPECTIVA_DIDATICA.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2017.

SILVA, Renata Carvalho da; IAPECHINO, Mari Noeli Kiehl; GOMES; Valéria Severina. **O grafite como mediador em discussões educativas e culturais entre a escola e a cidade**, 2010. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/wordpress/24398.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2017.

SOARES, Lorena Rodrigues. **Pixação:** dinâmicas de comunicação da rua. Brasília, 2013.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola:** perspectiva social. São Paulo: Ática, 1986.

SOUZA, David da Costa Aguiar de. **Pichação carioca: etnografia e uma proposta de entendimento.** Rio de Janeiro: UFRJ /IFCS, 2007a.

SOUZA, Taís Rios Salomão; MELLO, Lílian de Jesus Assumpção. O Folk Virou Cult: o grafite como veículo de comunicação**. Revista Estudos de Comunicação, Curitiba**. v. 8, n. 17, p. 195-202, set./dez. 2007b.

UOL, Educação. **PISA: desempenho do Brasil piora em leitura e 'empaca' em ciências**. São Paulo, 2013. Disponíveis em: <http://educacao.uol.com.br/noticiais/2013/12/03/pisa-desempenho-do-brasil-piora-em-leitura-e-empaca-em-ciencias.htm>. Acesso em: 15 jul. 2017.

WAINER, João; MEDEIROS, Daniel, orgs. ttsss...**a grande arte de paixão de São Paulo.** São Paulo. Bispo, 2005.